

As eleições e as tarefas do Partido

Eleições intercalares, eleições para as autarquias, Festa do «Avante!» colocam a todas as organizações e a todos os militantes do Partido tarefas imediatas, urgentes e essenciais. Ao trabalho, camaradas!

Pág.3

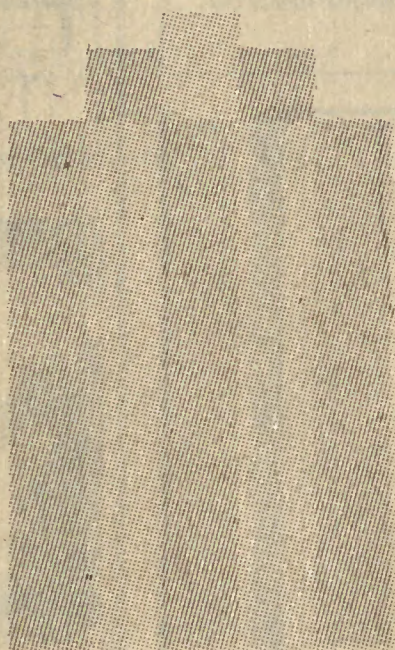


Pág.12

Estruturas cobrem já a encosta do Alto da Ajuda, as valas rasgam o terreno: a Festa já existe, daqui a um mês abre as suas portas

A FESTA JÁ ESTÁ DE PÉ!

UMA SEDE NO NORTE A ALTURA DO PARTIDO



PCP

CAMPANHA
20 MIL CONTOS

Num mês
atingidos
mil contos

Pág.3

AUTARQUIAS

● Sesimbra

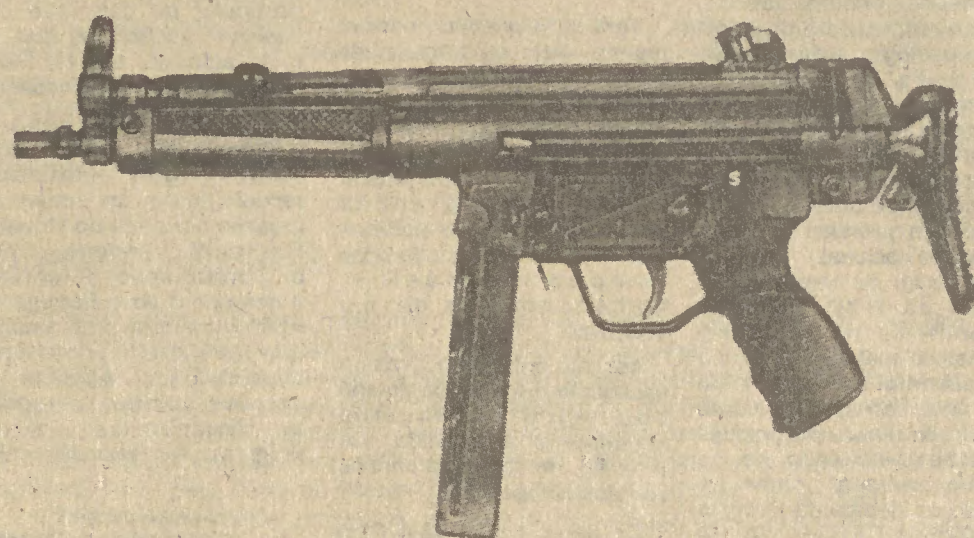
Os eleitos da APU fazem o balanço de dois anos e meio de gestão democrática de um município ao serviço das populações.

Pag. 9

● Setúbal

O «Avante!» entrevistou eleitos da APU na Câmara e Assembleia Municipais de Setúbal: as insuficiências e os erros da política do PS num dos mais importantes municípios do País.

Pag. 9



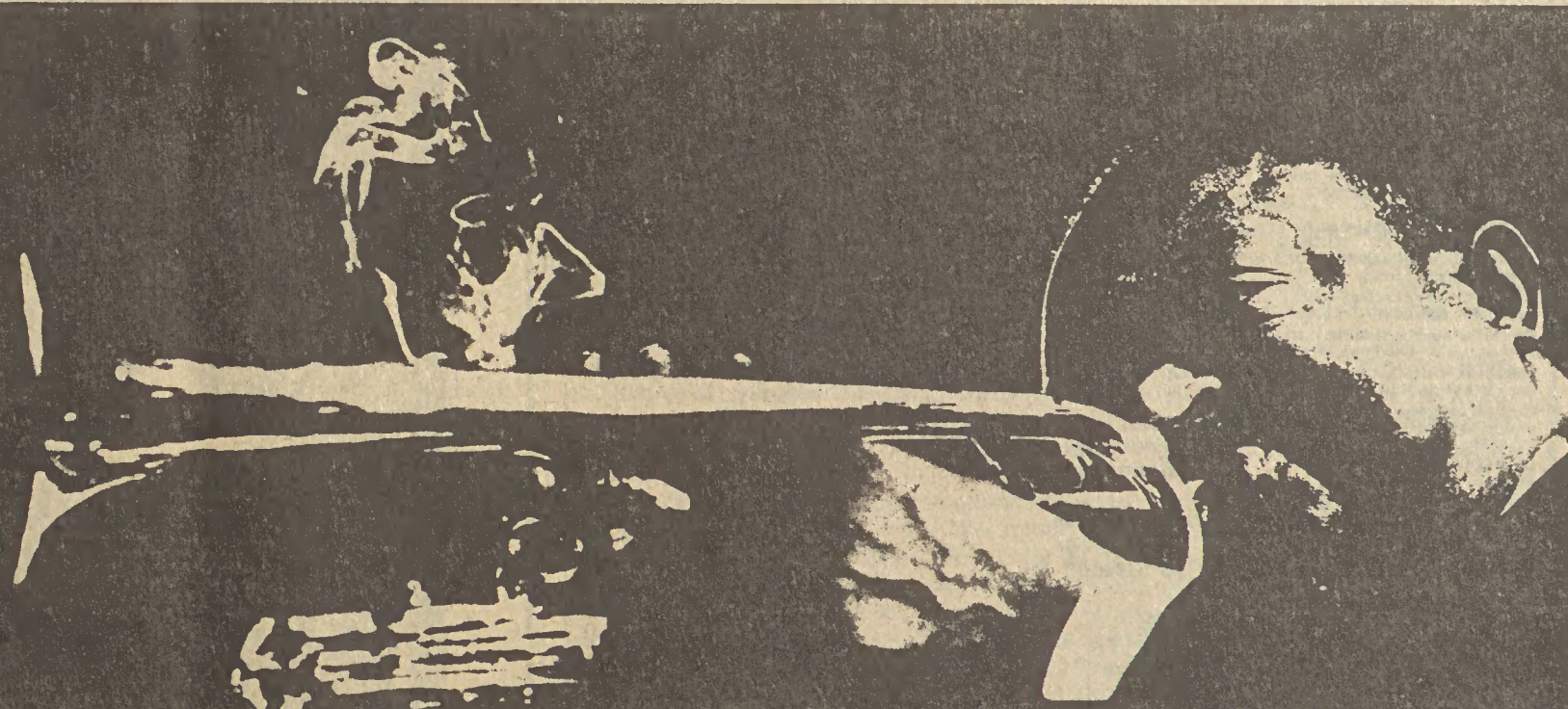
A venda de armas

A venda de armamento pelo governo Mota Pinto ao derrubado ditador Somoza vem denunciar mais um aspecto da política dos partidos de direita para uma cada vez maior integração de Portugal na esfera dos interesses do imperialismo

Pág.10

Os artistas
da Festa
do Avante!
págs. centrais

3



Editorial

A UNIDADE NECESSÁRIA—CONDIÇÃO DE VITÓRIA

Derrotar a reacção nas próximas eleições intercalares, manter a direita em minoria no parlamento da República, deverá ser o objectivo número um, determinante, das forças democráticas portuguesas.

A saída de eleições intercalares no quadro constitucional definido pelo Presidente da República, resulta, como é sabido, da falência de todas as outras alternativas constitucionais possíveis para a solução da crise governamental que deflagrou como expressão mais aguda da crise política latente.

O PCP de há muito vinha insistindo numa das duas soluções constitucionais possíveis na situação actual: ou a formação de um governo de plataforma até à realização das eleições legislativas de 1980, com base parlamentar maioritária e indispensável apoio popular — o que excluía à partida qualquer solução assente num governo de direita — ou, na alternativa, a realização de eleições intercalares.

É evidente que a impossibilidade prática de se resolver o problema da exoneração do governo usurpador e pró-fascista Mota Pinto/PSD/CDS — que se havia tornado uma exigência popular e nacional absoluta, vigorosamente afirmada nas ruas por potentes acções e manifestações de massas de extraordinária envergadura — e o da sua substituição rápida por um outro governo dotado de apoio parlamentar estável, colocou na ordem do dia, de maneira imperiosa, a segunda alternativa posta pelo PCP para a saída da crise.

A solução constitucional da crise governativa assente na realização de eleições intercalares confirma sem sombra de dúvida a justeza da análise do PCP e o rigor objectivo e acerto político das suas propostas e conclusões.

☆ ☆

A realização de eleições intercalares que, como se acentuava no comunicado do Presidente da República de 13 de Julho, último, “em nenhuma circunstância substituirão as de 1980”; o parlamento delas saído, que “não poderá de modo nenhum e sob qualquer pretexto, assumir os poderes de revisão constitucional reservados pela Constituição à Assembleia da República a eleger em 1980”, juntamente com a formação de um governo “independente e neutral que não dê motivo de afrontamento e conflitos”, constituem por si sós um sério revés para a direita e uma derrota dos seus projectos anticonstitucionais.

A direita, de forma expressa, cifrava os seus projectos anticonstitucionais e golpistas, na realização de eleições antecipadas (e não intercalares) acompanhadas por um referendo (interdito pela Constituição) cuja aprovação levaria à não realização de eleições em 1980, à supressão da regra da proporcionalidade no nosso sistema eleitoral, à elaboração de uma nova Constituição que reduziria a cacos as liberdades e as outras conquistas da Revolução, que abriria o caminho a uma nova ditadura.

Este projecto derrotado garantiria à direita, sobre uma minoria de votos e sobre a falsificação da vontade popular, uma maioria parlamentar artificial e antidemocrática.

Contudo, para a derrota completa das forças reacconárias não basta o sério revés dos seus projectos anticonstitucionais: é necessário que essa derrota se traduza decisivamente nos resultados eleitorais, na força do voto, à boca das urnas.

☆ ☆

Preparar inteligente e activamente a derrota definitiva da direita à boca das urnas pela força do voto é uma exigência absoluta das forças democráticas.

O comportamento concreto dos partidos democráticos, os seus preparativos eleitorais, a sua estratégia e tática para as eleições, não podem ignorar nem subestimar os meios, as manobras e os perigos golpistas reais da direita no momento actual.

A “aliança reacconária” dos partidos da direita parlamentar — o PSD e o CDS — e os brazonados do mini-partido da “Causa Monárquica” — o PPM —, aliança a que o PS chama pudicamente e não se sabe bem porquê de “bloco conservador-monárquico”, representa de facto, sob o falso rótulo “democrático”, tudo o que há de mais retrógrado, antipopular e antidemocrático na sociedade portuguesa actual.

A constituição desta “aliança” não é um sintoma de força mas de fraqueza da reacção; os acordos de cúpula dos partidos da direita não esbateram antes acirraram as suas contradições internas. A impossibilidade até agora verificada, mas que pode ser anulada até às eleições, de os partidos de Sá Carneiro e Freitas do Amaral se entenderem para a formação de listas conjuntas é sintomática da profundidade das dificuldades e contradições internas da “aliança reacconária”.

Apesar disso a “aliança” representa um certo reagrupamento das forças reacconárias cujos perigos não devem ser subavaliados tanto mais que em contrapartida não se lhe opõe com o necessário vigor o reagrupamento e a aliança das forças democráticas.

No regresso de Madrid, onde os dirigentes da “aliança reacconária” devem ter sido chamados à pedra pelos experientes reacconários espanhóis pela virulência dos seus ataques ao PS, Sá Carneiro, acenou com a possibilidade de um entendimento com os socialistas no caso de a “nova maioria” permanecer como velha minoria na Assembleia da República. Simultaneamente, e em relação com as negações de Sá Carneiro, Mário Soares disse que “em política como no amor as zangas não são eternas”, o que, ligados aos contactos e conciliabulos entre o PS e o PSD, faz prever novos conluís e deslizes para a direita da parte dos socialistas.

O PS corre assim o risco de acentuar ainda mais a quebra da sua influência política e a nítida redução da sua base de apoio. São conhecidas as pressões do imperialismo e dos círculos mais conservadores da social-democracia, a ele associados, com vistas à integração do PS num bloco reacconário no qual ficaria irreparavelmente destruído como partido democrático e à recusa a qualquer acordo ou entendimento com o PCP — o que abriria ao PS uma perspectiva diferente e lhe daria uma nova imagem.

Por outro lado, o PS nenhuma posição tomou ainda relativamente à greve desestabilizadora dos médicos/patrões do PSD e do CDS que objectivamente é dirigida contra o Serviço Nacional de Saúde, aprovado na Assembleia da República.

Tais tendências, omissões e ambiguidades do PS, deformam a imagem de esquerda do PS e põem em risco um outro objectivo essencial a atingir nas eleições intercalares: manter e alargar a maioria democrática na Assembleia da República, condição para uma viragem na política nacional e para uma nova dinâmica na solução dos nossos problemas mais agudos.

☆ ☆

Aos trabalhadores, aos democratas, a todos os que em aliança com os comunistas têm enfrentado com êxito a ofensiva do 24 de Abril nos planos mais diversos, uma séria reflexão se impõe quanto aos caminhos a seguir nas eleições intercalares.

A direita, os partidos reacconários, serão infalivelmente derrotados no próximo acto eleitoral mas uma parte notável desse êxito previsível poderia ficar comprometida por uma falsa perspectiva. Partidária de alguns dos sectores democráticos e de esquerda.

O Governo de Lourdes Pintasilgo está constituído, não se conhece ainda o seu programa, certos dos seus componentes suscitam desconfiança. A uma intenção de diálogo e mesmo a uns começos promissores de conhecimento realístico de situações sectoriais, não correspondem ainda decisões claras de pôr termo imediato às práticas arbitrárias e ilegais do execrável e defunto governo Mota Pinto/PSD/CDS.

Quer isto dizer que persistem factores de preocupação quanto ao futuro imediato e que seria um absurdo afrouxar a vigilância e enfraquecer o espírito unitário entre os democratas.

A cegueira política tem conduzido ao esboroamento dos grupos pseudo-revolucionários, ao seu progressivo definhamento, ao fracasso cada vez mais notório do seu trabalho divisionista. A abertura de hostilidades no seio da UDP, as tentativas artificiais de reanimar o mesmo fracassado espírito anticomunista, as novas opções ideológicas do MES, reflectem o isolamento crescente dos elementos divisionistas no seio do movimento popular e democrático.

A marginalização política saída das suas próprias mãos será o caminho de todos os que, arrogando-se uma opção democrática e de esquerda, abrem, contudo, alas ao divisionismo e dão acolhimento a atitudes hostis ou inamistosas para com o PCP ou alimentam ambições políticas contrárias ao robustecimento e ao triunfo final da democracia e do 25 de Abril em Portugal.

A necessidade de tornar ainda mais robusta e determinante a única força capaz de garantir uma efectiva maioria democrática nas eleições intercalares — o PCP — impõe-se à consideração de todos os democratas e patriotas como uma necessidade histórica objectiva e uma condição indispensável para a derrota significativa dos partidos da direita e a defesa das instituições democráticas, das conquistas da Revolução, do regime democrático expresso na Constituição.

Aumentar os votos do PCP e o número de deputados comunistas na Assembleia da República aparece assim como um objectivo de primeira importância a atingir nas próximas eleições intercalares.

A RDP-Madeira

Algo vai mal na RDP-Madeira.

A acção da Delegação da Madeira daquele importante Órgão de Comunicação Social estatizado, que sempre tem estado longe de cumprir as importantes responsabilidades que tem no campo formativo e informativo, continua a nortejar-se por uma actividade não respeitadora do pluralismo ideológico e da objectividade de informação, permeável às ingerências e pressões do Governo Regional, dando-lhe cobertura e discriminando de uma forma anticonstitucional o nosso Partido em questões de âmbito regional e nacional.

De facto, os responsáveis locais da RDP, tentando esconder-se no argumento inconstitucional de o PCP não ter assento na Assembleia Regional, afastam o nosso Partido do debate de grandes questões, incluindo as de âmbito nacional, como foi o caso do debate da Revisão da Constituição (18 de Fevereiro de 1979); da crise governamental (18 de Março

de 1979); do 25 de Abril (em 25 de Abril de 1979), entre outras.

Para além de tudo isto, existem questões centrais na actividade política da região, onde o PCP é visado, e a Rádio local informa parcialmente, tentando por tudo afastar o nosso Partido do diálogo e do debate.

Verifica-se por outro lado um grande vazio no trabalho de programação da Delegação da RDP. Um considerável número de profissionais vêm-se tolhidos por uma direcção que a todo o custo procura afastar a Rádio dos grandes problemas sociais e políticos em proveito de exagerados tempos de música, nomeadamente de má qualidade.

Assume entretanto foros de escândalo o tempo de antena concedido ao Governo Regional e ao partido que o apoia, em contraste com os partidos da oposição.

De Janeiro para cá o PPD e o Governo Regional ocuparam cerca de 13h30m da

programação da Rádio (que todos nós pagamos), em contraste com o tempo de 3h45m de todos os outros partidos, e com os 14m que foram dados ao PCP.

Se juntarmos a tudo isto o afastamento constante do Movimento Sindical e dos problemas do campo, em particular da colónia e dos caseiros, verificamos que, de facto algo vai mal na RDP-Madeira, e que urge modificar.

Torna-se necessário e urgente que a RDP local, como Órgão estatizado, repudie todas as formas de pressão por parte do Governo Regional, respeite o que a Constituição determina, e defenda o novo Portugal de Abril com uma programação que tenha em conta toda a realidade social e política que se vive na nossa região, contribuindo para o seu progresso e desenvolvimento.

30 de Julho de 1979
O Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira do PCP

Comunicado conjunto PSQH — PCP

Janos Kadar, 1.º Secretário do Comité Central do Partido Socialista Operário Húngaro, encontrou-se em Tihany, quarta-feira, com Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, que se encontra a descansar na Hungria a convite do CC do PSQH. As conversações que decorreram num ambiente caloroso e de camaradagem, consistiram numa informação recíproca sobre a situação, actividades e tarefas

actuais dos dois partidos. Houve uma troca de opiniões sobre a situação internacional e sobre questões actuais do movimento comunista e operário internacional. Passaram revista às tradicionais boas relações existentes entre os dois partidos. Expressaram a intenção mútua de continuarem a desenvolver as relações entre o PSQH e o PCP no espírito do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

CADERNOS DE INICIAÇÃO AO MARXISMO LENINISMO



pequena biografia de



por EVGUÉNIA STEPANOVA
edições Avante!
Preço 90\$00
CDL a distribuição

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes, 1-1089 Lisboa-CODEX, Tel. 78345.
ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, S.A.R.L. Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º - 1000 Lisboa, Tel. 769744/769751.
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1689 Lisboa-CODEX, Tel. 769725/769722.

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira, S.A.R.L. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º - 1000 Lisboa, Tel. 779828/779825.

Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-CV - 1000 Lisboa, Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal).

Casa de Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa, Tel. 372238. Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 57B - 4000 Porto, Tel. 28638.

Casa de Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq. - 4000 Porto, Tel. 310441.

Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.º de Maio, 186, Pedrúlia - 3000 Coimbra, Tel. 31286.

Centro Distribuidor do Alentejo: Alcarrova de Baixo, 13 - 7000 Évora, Tel. 26361.

Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro, Tel. 24417.

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq.º - 1000 Lisboa, Tel. 779828.

PUBLICIDADE CENTRAL:
Av. Santos Dumont, 53-A - 1000 Lisboa, Tel. 779830/779830. Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto, Tel. 381067.

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora, Tel. 900044.
Composto e impresso na Heika Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Julho: 74 200

Avante!

ASSINATURAS
(NOVA TABELA DE PREÇOS)

Continente e ilhas:
50 números 500\$00 (via normal) ☐
50 números 625\$00 (via aérea) ☐

Angola, Cabo Verde, Guiné, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Brasil.

50 números 525\$00 (via normal) ☐
50 números 950\$00 (via aérea) ☐

Espanha:

50 números 525\$00 (via normal) ☐
50 números 625\$00 (via aérea) ☐

Europa:
50 números 800\$00 (via normal) ☐
50 números 950\$00 (via aérea) ☐

Outros países:
50 números 800\$00 (via normal) ☐
50 números 1200\$00 (via aérea) ☐

NOME

MORADA

LOCALIDADE Profissão

assinalar a modalidade de assinaturas, enviar cheque ou vale de correio para Departamento de assinaturas, Av. Santos Dumont, n.º 57, 2.º - 1000 Lisboa 1

edições Avante!

«O LENINISMO É O MARXISMO DA ÉPOCA DA PASSAGEM DO CAPITALISMO AO SOCIALISMO QUEM ABANDONE O LENINISMO ABANDONA TAMBÉM O MARXISMO.»

Álvaro Cunhal

QUE FAZER?

PRINCÍPIOS BÁSICOS DO COMUNISMO

TESES DE ABRIL

SOBRE O DIREITO DAS NAÇÕES À AUTODETERMINAÇÃO

UM PASSO EM FRENTE, DOIS PASSOS ATRÁS

CDL a distribuição

Campanha dos 20 mil contos

Uma sede no Norte à altura do Partido

Ultrapassados os mil contos no primeiro mês da Campanha!

Apesar das dificuldades que naturalmente se colocam no arranque de uma iniciativa como a campanha dos 20 mil contos, agravadas neste caso pelas dificuldades levantadas pelo período de férias que se atravessa, o que é certo é que ao fim do primeiro mês da campanha estão ultrapassados os mil contos. Concretamente, no mês de Julho foram recolhidos e entregues 1 299 943\$10, o que corresponde a cerca de 6,5 por cento do objectivo financeiro global da campanha.

Manifestando a sua elevada compreensão quanto aos objectivos financeiros e políticos da campanha e à sua importância política e partidária, as organizações do PCP no Norte lançaram-se ao trabalho com dedicação e confiança, desenvolvendo as primeiras iniciativas e procedendo de imediato à recolha de fundos.

Gala conquista o primeiro galardão

Provado que o desenvolvimento de uma sã emulação entre as organizações do Partido pode constituir um importante factor impulsionador da campanha, foi decidida a entrega mensal de um galardão às organizações mais adiantadas na campanha.

Ao fim do primeiro mês é a Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia a organização que, entre os grandes sectores, mais avançou em relação à meta estabelecida.

A Comissão Concelhia de Vila Nova de Gaia recebeu no passado sábado o galardão destinado aos grandes sectores. Trata-se de uma peça em madeira, metal e acrílico que reproduz o símbolo da campanha e que ficará na posse da Comissão de Vila Nova de Gaia durante o mês corrente. É natural a expectativa entre as organizações quanto a saber se Gaia conseguiu manter na sua posse para o próximo mês o galardão ou se este lhe será arrebatado por outra organização.

Camaradas de Gaia falam ao "Avante!"

A propósito da atribuição do primeiro galardão da Campanha dos vinte mil contos à Comissão Concelhia de Gaia, o "Avante!" ouviu os camaradas José Tavares e João Avelino, da Comissão Concelhia, José Duarte, da Comissão de Freguesia da Madalena, Ângelo Carvalho, de Oliveira do Douro, Alfeu Mendes, da Comissão de Freguesia de Santa Marinha, Augusto Barbosa e Valdemar Belmonte, de Vila do Paraíso, e Flora Teles, da Comissão de Sede do Centro de Trabalho de Vila Nova de Gaia. Opinião unânime: reina grande entusiasmo na organização e a Campanha adquiriu já uma tal dinâmica que as entregas de fundos se verificam diariamente.

Quando recebemos o galardão, há poucos dias, tínhamos alcançado 9,66 por cento da nossa meta. Hoje, já ultrapassámos os 11 por cento.

Salientando que, ao discutir as metas, algumas organizações as haviam considerado demasiado

elevadas e que neste momento as consideram já ultrapassáveis, os camaradas de Gaia referem no entanto haver ainda que tomar medidas para ganhar todas as organizações de freguesia e células de empresa para a Campanha.

A verba alcançada por Gaia representa a soma das verbas alcançadas pelas freguesias e células de empresa, algumas das quais têm experiências de grande



O galardão da campanha dos 20 mil contos está hoje nas mãos dos camaradas de Vila Nova de Gaia, que não escondem a sua satisfação e o seu justo orgulho. Vila Nova de Gaia vai à frente, os comunistas organizaram o seu esforço, na emulação fraterna da Campanha. E ganharam este mês. E para o mês que vem?

Os números da Campanha

O balanço da recolha de fundos por grandes sectores no final do mês de Julho revela os seguintes dados:

Comitê Local do Porto	319 535\$10
Comissão Concelhia de V. Nova de Gaia	169 172\$20
Sector Intelectual	148 520\$00
Organização Interconcelhos do Porto	88 964\$70
Comitê dos Metalúrgicos	60 930\$00
Comitê dos Grandes Serviços	47 312\$50
Comitê Têxtil	18 100\$00
Comissão Distrital de V. do Castelo	17 156\$70
Organização de Trás-os-Montes	14 900\$00
C. Concelhia de Gondomar	14 750\$00
C. Concelhia de Matosinhos	14 200\$00
Comissão Coordenadora da Campanha	311 004\$10
Outros sectores	75 397\$80
Total	1 299 943\$10

É a seguinte a "classificação" das organizações no final do mês de Julho:

1.º Vila Nova de Gaia	9,66%	da sua meta
2.º Comitê dos Grandes Serviços	6,30%	"
3.º Comitê Local do Porto	5,32%	"
4.º Comitê Têxtil	4,52%	"
5.º Comitê dos Metalúrgicos	4,06%	"
6.º Sector Intelectual	3,71%	"
7.º Organização Interconcelhos	3,55%	"
8.º Viana do Castelo	2,28%	"
9.º Organização de Trás-os-Montes	1,49%	"
10.º Gondomar	1,47%	"

interesse a revelar. Referem os camaradas:

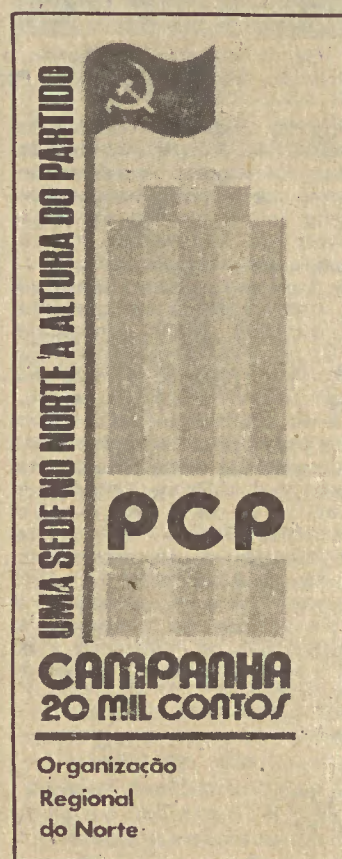
— A freguesia de Madalena, que não é das mais fortes do concelho, atingiu já os 50 por cento da sua meta, estando a Campanha a dinamizar todo o trabalho do Partido na freguesia. Durante o acampa-

mento realizado na Madalena, no qual participaram cerca de 4000 pessoas, verificaram-se diversas adesões ao Partido. Os camaradas de Oliveira do Douro, por seu lado, tomaram a iniciativa de levar materiais da Campanha para férias, conseguindo dessa forma contribuições de outros pontos do País. Pequenas células de empresa empenham-se em conseguir ganhar para a Campanha não apenas os trabalhadores em geral. O mesmo se passa com algumas comissões de freguesia. Em Santa Marinha, por exemplo, 30 por cento da verba que está realizada vem de simpatizantes e amigos do Partido. Em Vila do Paraíso foram já alcançados 25 por cento da meta, mas os cartões de compromisso já firmados representam 80 por cento da meta. De assinalar também as contribuições que muitos emigrantes que se encontram no concelho a passar férias têm dado para a Campanha.

A Campanha tem sido marcada no concelho de Gaia por um grande número de iniciativas, estando muitas outras já marcadas para os tempos mais próximos. Os camaradas referiram, entre outras, um passeio ao Gerês, por iniciativa da Comissão de Freguesia de Vila do Andorinho, uma sessão de cinema e um convívio em Candeio, um arraial em S. Félix, um convívio em Grijó.

— A atribuição do galardão veio reforçar o ânimo que se verifica no concelho de Gaia. E a disposição que se verifica neste momento é para defender a posse do galardão por forma a que ele continue em Gaia — disseram-nos ainda.

Os camaradas salientaram por fim que a Campanha tem



Organização Regional do Norte

18 horas está previsto um comício de encerramento no qual tomará a palavra o camarada Armando Morais, membro do Comitê Central.

Festa na Mina de S. Domingos

Dia da Juventude, Dia do Reformado, Dia do Emigrante, são os nomes postos respectivamente aos dias 11, 12 e 14 de Agosto, na Festa organizada pela Comissão de Freguesia de Corte do Pinto, na Mina de São Domingos. Programa do dia 11: Alvorada às 7 horas, seguindo-se, às 9, um corta mato, em volta da Tapada Pequena e, às 11, uma ginástica de bicicletas e atletismo no Campo de Jogos; às 17 horas, provas de natação na Tapada Grande; actuação de grupos de Pioneiros às 19 horas; o baile começa às 22, com o conjunto «Harmonia» de Camarate. No dia 12, uma equipa

menor grandeza, revelam por outro lado uma grande imaginação e dedicação por parte das organizações e militantes. É assim que uma organização de Matosinhos tomou a iniciativa de editar para venda uma medalha comemorativa dos Jogos Olímpicos, enquanto um militante também de Matosinhos procede à venda de medalhas alusivas à revolução portuguesa que encomenda à consagração. Por outro lado, jovens comunistas que se encontram a estudar num país socialista compraram, com dinheiro das suas bolsas de estudo, uma série de lembranças que estão a enviar para o nosso País para aqui serem vendidas a favor da campanha.

Festa popular em Matosinhos

No passado dia 5, a Comissão Concelhia de Matosinhos promoveu a já tradicional Festa de Matosinhos, este ano essencialmente virada para a campanha. Muita animação, alegria e confiança foram as notas dominantes da iniciativa que se prolongou por todo o dia na Quinta de S. Tiago e que reuniu milhares de participantes. Barracas de vendas de materiais e de comes e bebes, a cargo das freguesias do Concelho, canto livre com grupos locais e com a participação de Fernando Farinha e um comício durante o qual usou da palavra o camarada António Gervásio, membro da Comissão Política e dirigente comunista da zona da Reforma Agrária, constituíram o programa da terceira edição da Festa de Matosinhos.

Um membro da Comissão Concelhia, aludindo ao significado desta Festa e ao empenho dos comunistas de Matosinhos em atingir os objectivos da campanha, referiu o facto de no ano passado a Festa de Matosinhos ter como finalidade a obtenção de fundos para um Centro de Trabalho do PCP na sede deste concelho, com tantas e tão ricas tradições de luta, objectivo esse que foi alcançado com o aluguer e a adaptação de boas instalações, e tirando a conclusão de que, com a mesma dedicação e espírito de sacrifício, também os comunistas de Matosinhos ajudarão a erguer uma sede no Norte à altura do Partido.

Falta um mês para o 1.º Sorteio

Precisamente de hoje a um mês, no último dia da Festa do "Avante!", realiza-se o primeiro grande sorteio da Campanha dos 20 mil contos que, conforme foi divulgado, conta com prémios aluciantes:

- 1.º — um automóvel
- 2.º — uma motorizada
- 3.º — uma máquina de lavar roupa

Os bilhetes para o sorteio estão à venda em todas as organizações do Norte ao preço de 20\$00. Trata-se agora de os vender. O produto das vendas entra na meta das organizações e poderá dar um considerável impulso à campanha.

médica mede a tensão à população, antes de um desafio de futebol entre a equipa local e o Guadiana de Mértola; às 18 horas, Canto Livre no Teatro, com Carlos Paulo, «Os Galés» de Setúbal e o grupo «3 de Março» de Pias; às 22 horas, baile. Dia 14: às 20 horas, Canto Livre; às 21, Cantares Alentejanos e, às 22, baile.

Festa dos Seareiros, Samora Correia

No próximo domingo começa a Festa do Seareiro, às 7.30 horas, com a alvorada de foguetes e morteiros; às 8.30, mercado; às 9.30, manhã infantil; às 11, desfile de ranchos folclóricos; às 13, almoço convívio e, às 15.30, folclore e cantares regionais. As 19 horas, finalmente, está marcado um comício em que participa o camarada José Casanova, membro suplente da Comissão Política do Comitê Central.

As eleições e as tarefas do Partido

À entrada deste Verão, preparando as difíceis férias possíveis num orçamento encurtado pela política antipopular de meses e meses, os militantes do Partido tiveram uma grande alegria: o governo fascizante de Mota Pinto caía ante a generalizada e vigorosa luta das forças democráticas e dos trabalhadores, a crise governamental conhecia uma saída democrática, constitucional que representa uma importante derrota das manobras reacconárias.

Mas logo de seguida, os militantes do Partido se entreolharam para se interrogar:

— E agora? Eleições lá para Novembro, com as das autarquias logo a seguir, a Festa do "Avante!" em Setembro e montes de gente de férias... Como é que isto vai ser?

Como é que vai ser, camaradas, é fácil! Vamos fazer a Festa do "Avante!" (e vamos fazer uma grande Festa!), vamos preparar a campanha eleitoral para as eleições intercalares, vamos preparar a campanha eleitoral para as autarquias — e vamos contribuir decisivamente para impor nova derrota aos partidos da direita e a todos as forças reacconárias! E a grande vantagem desta conclusão é que não há outra: tem de ser assim mesmo!

Um grande esforço

É evidente que todas estas vastas e fundamentais tarefas que se nos deparam exigem um grande esforço da organização, de cada um dos militantes do Partido. E exigem-no até na medida em que não é quase possível estabelecer uma hierarquia de importância entre elas, nem mesmo é quase possível ordená-las no tempo: é absolutamente indispensável darmos a mão a todas elas que são todas fundamentais e todas elas colocam exigências imediatas que de forma alguma podem ser adiadas ou diferidas.

Falta um mês para a Festa do "Avante!", mas preparar as listas para concorrer às eleições intercalares pressupõe muito trabalho desde já e, quanto às autarquias, os problemas são tão imediatos que já havíamos começado a tratá-los e a dar-lhes andamento.

Esta é uma realidade que tem de estar muito presente no espírito de todos nós e a que há que dar expressão concreta.

Concluir a Festa

Dentro de 30 dias, centenas e centenas de milhares de portugueses estarão no Alto da Ajuda. Irão ali encontrar a imagem viva e real da capacidade criadora dos comunistas, do seu entusiasmo e da sua confiança. Irão encontrar o retrato da arte, da cultura, da política, da vida do Portugal de Abril. Irão encontrar milhares e milhares de compatriotas, de amigos, de companheiros, de homens, mulheres e jovens que dão à nossa Festa o cunho de fraternidade, alegria e determinação que o Povo português construiu em todo o Portugal.

Há estruturas ainda a erguer, há painéis a fixar, superfícies a cobrir, cabos a ligar, canos para soldar, pinturas a fazer. O trabalho é preciso.

Mas preciso é também assegurar que muitos e muitos mais trabalhadores vão à Festa — e isso significa vender a EP, divulgar a Festa, fazer a sua propaganda, trazê-la para a rua, para as fábricas, para os campos, para as empresas.

É necessário assegurar o êxito financeiro da Festa (e as despesas de duas campanhas eleitorais estão aí para o tornar mais premente e necessário): é isto significa também vender a EP, ainda mais uma, ainda mais outra, ao amigo que se esquece ou ao amigo que hesita.

E é necessário preparar a desmontagem da Festa. Contos e contos de réis de dinheiro do Partido, o fruto de muito entusiasmo e esforço estão erguidos no Alto da Ajuda. Recuperar os materiais cuidadosamente, armazená-los, organizá-los, e tudo isto o mais rapidamente possível, exige que desde já (mesmo ainda quando ainda estamos a construir) comecemos a planejar o trabalho que começará no dia 10 de Setembro e que bem depressa terá de ser concluído.

As eleições intercalares

A data ainda não está marcada, mas sê-lo-á brevemente: em qualquer dos casos, o dia das eleições não altera a necessidade de tarefas imediatas.

É necessário organizar as listas: discutir a sua composição sob todos os ângulos, assegurar a presença como candidatos do PCP de homens, mulheres e jovens capazes de assegurarem a melhor contribuição à batalha eleitoral, capazes de neles serem reconhecidas pelas massas as qualidades para defenderem na Assembleia da República os interesses dos trabalhadores e da democracia.

É necessário iniciar com todo o rigor a preparação das diligências legais, verificar se os camaradas que deles possam necessitar têm os documentos necessários (desde a certidão de eleitor até ao bilhete de identidade actualizado). Se um camarada vai de férias e se ausenta do local da residência, assegurar que, se necessário, se possa sempre obter elementos necessários a um processo de candidatura.

Por outro lado, é preciso começar a preparar a campanha eleitoral: estudar a definição dos objectivos políticos a nível local, apreciar atentamente a situação no que se refere às forças de direita e às forças democráticas na região, inventariar meios técnicos e prever o recurso a outros, começar a enquadrar camaradas para tarefas específicas ligadas com a campanha (esclarecedores, aparelho técnico, comissões de apoio, etc., etc.), enfim, o mais depressa possível assegurar uma participação activa ao nível de propostas, sugestões, indicações, dados, para a definição da actuação global do Partido.

Tudo isto não implica apenas um empenhamento de cada camarada apenas ao nível da organização: tem de exigir igualmente um empenhamento pessoal e directo, na empresa, na fábrica, no bairro, na rua, no prédio, para, o esclarecimento, a mobilização, o trabalho.

E ainda as autarquias

E, paralelamente com isto, há que prosseguir sem em nada o deixar para trás, o trabalho de preparação para as eleições locais.

Aqui, a tarefa de elaboração de listas é bastante mais vasta e complexa. São milhares e milhares de cidadãos que é necessário chamar à luta pela defesa da democracia e de Abril nos órgãos de administração local — e com a preocupação de alargar mais e mais a influência do Partido, de reforçar e alargar a unidade, de concorrer no maior número possível de locais onde antes não houvera ainda condições e em todos onde já se concorreu.

Nas autarquias onde a APU obteve anteriormente lugares, há que realizar o balanço do trabalho realizado, encontrar as vitórias e falhas, definir novas metas e novos objectivos, ganhar desde já para eles as populações, auscultá-las no sentido de as trazer a uma maior participação na vida local e nas eleições ao lado da democracia e do futuro.

Também aqui não estamos apenas face ao trabalho de organização: a acção individual de cada comunista, de cada democrata, é importante. Desmontar a ofensiva ideológica da direita, denunciar as mentiras e as demagogias, apontar os erros cometidos pela política de direita aplicada nos últimos anos em Portugal e responsável pela crise criada, apontar as verdadeiras soluções e abrir perspectivas para as atingir — eis objectivos que não se obtêm apenas com sessões de esclarecimento, com panfletos ou tarjetas, mas também com o diálogo nos transportes públicos, nos mercados, nas fábricas, nos locais de convívio, nos campos, em toda a parte.

Mas também dinamizar e reforçar a actividade de todas as organizações do Partido, dar ao nosso grande colectivo partidário todas as suas gigantescas possibilidades de trabalho e intervenção, de análise e esclarecimento político.

Em suma, camaradas, ao trabalho! A reacção pode e será uma vez mais derrotada no Portugal de Abril. O contributo dos comunistas será, como sempre, decisivo! O que fazer, está à nossa frente para ser feito e assegurar a vitória!

As Festas do Partido

José Vitoriano e Margarida Tengarrinha em Portimão

A Grande Festa de Agosto, já tradicional em Portimão e que este ano se realiza a partir de hoje naquela cidade algarvia, contará com a presença, no domingo, dos camaradas José Vitoriano, membro da Comissão Política do CC, e Margarida Tengarrinha, membro do Comitê Central.

Além dos bailes que animarão as noites dos dias 9, 10 e 11, a Festa de Agosto apresenta um vasto programa que, tal como nos anos anteriores, se desenrola no recinto exterior da Casa dos Pescadores. Nomes de conhecidos artistas fazem parte desse programa.

É assim que o poeta Ary dos Santos vai estar presente esta noite mesmo. Amanhã actua o fadista Fernando Farinha. No sábado será a vez de Carlos do Carmo. No domingo actua os Galés, de Setúbal. Nos stands de

Festa popular na Bordeira, Faro

A Festa Popular de Bordeira, Faro, começa no dia 10 e continua no dia seguinte. Às 8 da manhã do primeiro dia vão estalar os foguetes da alvorada. Mas é só às 19 horas que começa o arraial com música de Abril. Às 20 horas, passagem de «slides» musicados. Às 22, «Hora da Alegria», com o grupo «Praxis» e Joaquim Rogério. Às 23 horas, há um concurso de quadras dedicadas ao PCP. No dia seguinte, às 10 horas, começa a manhã desportiva. E o desporto continua de tarde, com futebol, às 17 horas. À noite, às 22 horas, Canto Livre, com Carlos Paulo, Maria do Céu,

Helena de Carvalho, José Amaro e Joaquim Paté. Finalmente, encerrar esta iniciativa da Comissão Local de Bordeira, haverá uma intervenção política pelo camarada Raimundo Cabral, suplente da Comissão Política do Comitê Central.

Inauguração do CT em Loriga (Sela)

Para a inauguração do Centro de Trabalho de Loriga vai haver festa durante o próximo fim-de-semana. No sábado à noite há baile no Largo da Escola, com o conjunto «Os Inops». No domingo, depois da manhã desportiva, com atletismo para todas as idades, prepara-se um almoço-convívio e às 15 horas, proceder-se-á à inauguração do Centro. Depois há Canto Livre, em que actua Manuel Freire, o Coro Alentejano, Tozé Brito, Fado — São Quaresma, uma banda de música e outros. Às

comer e beber há a oportunidade de provar a cozinha regional: sardinha, assada, estopeira, ameijoas. Há exposições políticas, um serviço de bar, quermesses.

Os Pioneiros na Festa

Como vão os Pioneiros participar este ano na Festa do «Avante!», como organizam a sua presença, como participam já no trabalho para que tenhamos, novamente, o exemplo vivo da sua alegria na Festa que, sem eles, seria menos viva e menos representativa do que é a atenção dos comunistas para com as crianças?

Como vão eles mostrar-nos a sua viva atenção para com o país em que vivem, para com o mundo de que fazem parte e que háo-de ajudar a modificar?

Como estarão representadas em 1979, Ano Internacional da Criança?

Já conseguimos saber alguma coisa do que vai ser a presença dos Pioneiros na Festa. Sabemos, por exemplo, que nos vão mostrar uma exposição, com três temas: O primeiro não podia deixar de ser «Os Pioneiros e o AIC», que incluirá desenhos, textos, poesia, jornais de núcleos e jornais de parede, recortes sobre iniciativas das suas actividades e as do AIC, dados estatísticos sobre a criança nas regiões diversas onde vivem, fotografias, trabalhos manuais e tudo o que os núcleos considerarem de interesse quanto ao tema. Os outros temas serão «A Criança em Portugal» e «A Criança no Mundo».

Haverá um Bar que servirá sopas, cachorros, sandes, ovos cozidos, saladas de frutas, havendo já uma campanha de géneros, por região, destinada a abastecer o bar.

Também poderemos encontrar lá um Centro do Livro, com venda de livros

infantis e não só: também se prevê o funcionamento de uma biblioteca, para a qual se espera o empréstimo de livros, por parte de cada núcleo.

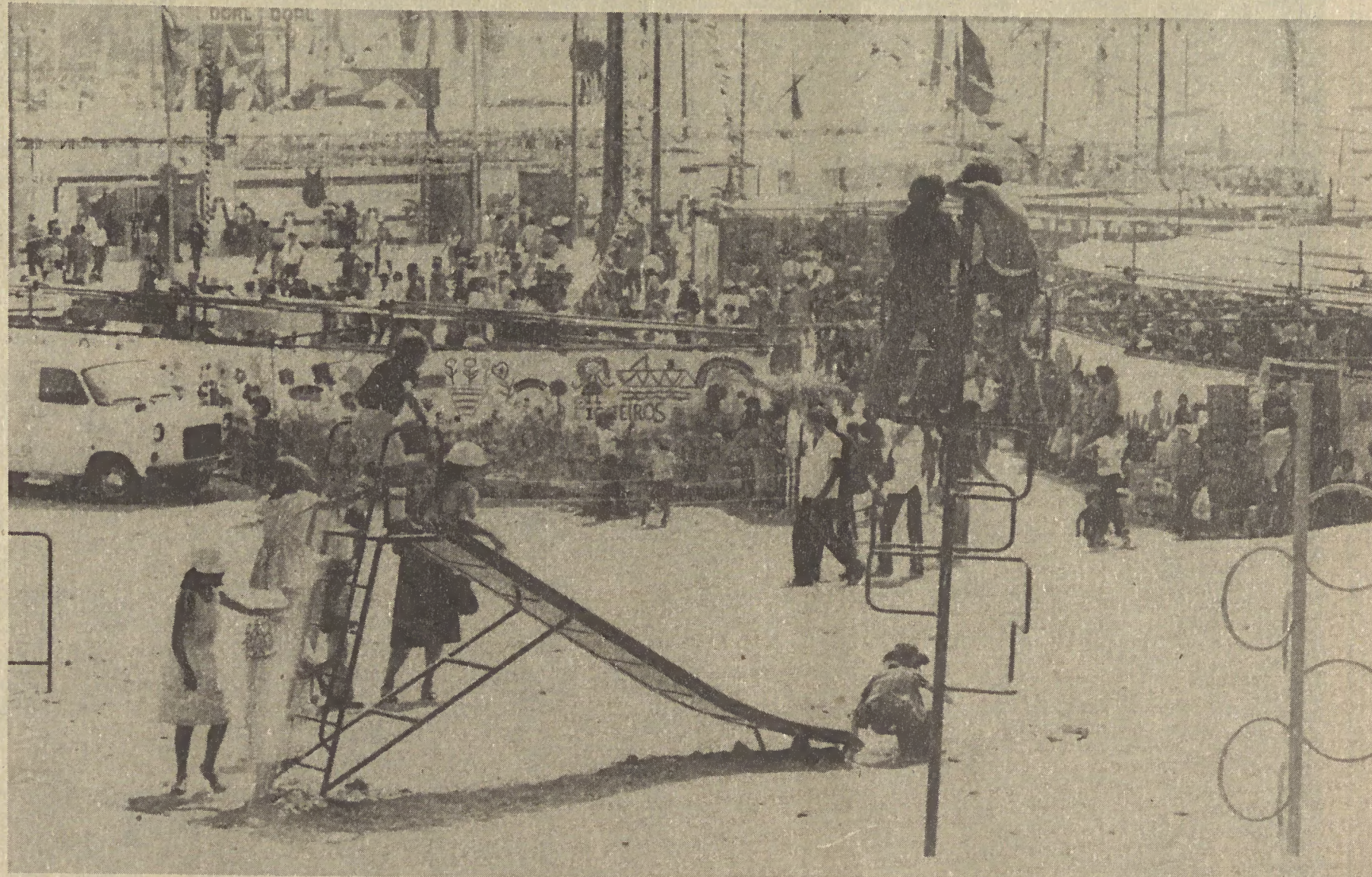
Na Banca Central encontraremos várias iniciativas, rifas e «sal sempre». Nas diversas bancas regionais, os Pioneiros

trarão, dos quatro cantos do país, também, as suas iniciativas.

Além de um parque infantil e de outras diversões, para as crianças, haverá, este ano, o «Canto das Máscaras», onde a imaginação vai imperar. Para que tal suceda procede-se

à recolha de material — roupas, sapatos, colares, malas, chapéus e outros adereços.

Finalmente vai haver animação desportiva e cultural, cujo programa, em preparação, será anunciado oportunamente.



Quadro de Honra

O Sector Intelectual da DORL atingiu já 43,65% da meta que se tinha proposto vencer, com 2216 EP's vendidas, contra 2311 em igual período do ano passado.

No Comité Local de Lisboa, entretanto, que atingiu no seu conjunto 28,6% da meta, destacam-se os organismos das Pequenas e Médias Empresas, com 57,8% e a 7.ª Zona, com 39,9%. A 3.ª Zona alcançou 38%: A 6.ª e a 2.ª zonas, 35,8 e 35,6, respectivamente. Nos Escritórios, a Guérin passou de 13 para 33% esta semana. Na 3.ª Zona destacam-se Campolide, com 57,7%, Santo Condestável, com 30,7, S. Mamede, com 42 e Gulbenkian, com 60%. Freguesia de Santa Isabel: salientam-se a Garagem Vitoria, com 63%, a Lusotur, 57,5 e a Projel, 43,7.

O camarada José Maria, da 4.ª Zona, já vendeu 70 EP's. Por seu lado, o camarada Pinto, dos Escritórios, vendeu, em quatro dias, meia centena de Entradas Permanentes.

De Palmela, recebemos outra notícia: o camarada Leonel Ramires, membro da Célula da Cometa, já vendeu 90 EP's.

No concelho de Alcácer do Sal vai, este ano, à frente, a célula de Rio de Moinhos, com 60 EP's vendidas.



● O ano passado, um amigo português do contrabaixista americano Charlie Haden deu uma ajuda no apoio ao músico convidado para a nossa Festa e acompanhou-o durante os ensaios com o conjunto já efectuados em Lisboa, e, depois, na sua chegada ao Jamor onde chegou à zona do palco pelo lado dos bastidores.

Uma vez ali, em conversa com camaradas que a seguravam o funcionamento do palco, manifestou as suas preocupações:

— Vocês sabem, estou com um certo receio que a malta não saiba quem é o Haden, que não saiba ou já não se lembre da história de Cascais...

Os camaradas retorquiram que não, o «Avante!» que anunciara a vinda de Haden recordara a sua prisão e expulsão de Portugal pela PIDE quando, no Festival de Jazz de Cascais, em 1971, onde estivera com Ornette Coleman, dedicara um dos trechos tocados à Frelimo e à luta de libertação dos povos africanos.

— Pois é — continuava o protagonista do episódio, mas talvez não fosse mau arranjar-se aí uns cinco ou seis amigos que fossem para o meio da assistência e fizessem, enfim, um bocado de «claque», falassem assim no assunto...

Aí, os camaradas presentes arregalaram os olhos:

— Ouve cá, é a primeira vez que vens à Festa do «Avante!», não?...

— Hum, é...

— Então chega cá.

E travando-o por um braço, um dos camaradas levou-o acima do palco a um ponto de onde se visse a assistência — as dezenas de milhares de pessoas da assistência — para, ante os olhos arregalados do novo visitante, perguntar:

— Achas que seis chegam?...

● O programa da Festa do «Avante!», a revista todos os anos editada, está já em adiantada fase de

preparação e tudo indica que será publicada mais cedo que o habitual: talvez já por volta do dia 25 deste mês. Será assim uma boa oportunidade de tomar melhor conhecimento prévio do que vai acontecer na Festa e fazer com avanço um «programa» próprio. Os camaradas da Comissão de Espectáculos têm sido veementemente instados para ver se publicam um programa... que seja cumprido!... Eles dizem que farão os possíveis!

Entretanto, a revista traz algumas novidades. Para além de maior número de páginas (embora se mantenha o formato e o preço) inclui diversos artigos sobre temas ligados à Festa (música, arte, actividades das organizações do Partido, etc.), haverá um pequeno álbum de caricaturas de Baltasar e uma contribuição substancial de outro estimado caricaturista: João Martins.

● A semelhança do que já sucedera o ano passado, diversos dos mais populares artistas portugueses que participam nas Festas do «Avante!» (e em tantas outras iniciativas democráticas) organizaram-se este ano em colectivos que prepararam espectáculos especiais para a Festa. O trabalho conjunto ao lado de outros músicos chamados a acompanhar e a colaboração parece ter dado frutos que dentro de um mês surgirão sobre os palcos.

● O pavilhão principal da área central da Festa, onde decorrerão colóquios, espectáculos vários (nomeadamente aqueles que pelas suas características requerem maior isolamento) e exposições tem este ano características inteliramente novas na Festa. E parece que a solução encontrada vai dar brado! A verdade é que só a partir do princípio de Setembro ele se instalará no terreno, mas há camaradas que apançam

que vai ser um regalo para os olhos!

● Já aqui se falou dos restaurantes da Cidade Internacional. O ano passado tivemos especialidades vindas directamente da Bulgária, da Hungria e de Itália. Este ano teremos não só estas, mas mais uma, pelo menos: os camaradas polacos trazem cozinheiro!

● Uma das exposições previstas para a área central é dedicada ao tema arte popular. Em diversos pontos do país muitos camaradas procedem à recolha de objectos os mais variados, a esmagadora maioria cedida a título de empréstimo por colecionadores, proprietários de preciosas relíquias de família e também de algumas instituições. É de inteira justiça referir o espírito aberto e de interesse pela divulgação do património artístico do Povo português revelado por todos os que têm proporcionado a presença de verdadeiras preciosidades e raridades ante os olhos das centenas de milhares de visitantes da Festa do «Avante!».

No Vale do Jamor, relativamente ao palco principal, havia o visível inconveniente de o terreno que lhe era fronteiro ser absolutamente plano. Tal situação obrigava a que a altura do estrado tivesse de ser bastante elevada (de uma forma geral, cerca de 1,80 m) no sentido de evitar o mais possível exactamente que os espectadores em pé cortassem a visão aos que se

•Breves•Breves•Breves•Breves•

● **Excursões de Alcácer do Sal** — No concelho de Alcácer do Sal a Festa do «Avante!» continua a mobilizar o interesse de mais camaradas e amigos. Assim, confirma-se desde já a realização de nove excursões (o ano passado foram oito), que possibilitarão a cerca de 450 pessoas participar na 4.ª Festa do «Avante!». Para além das viagens já confirmadas espera-se ainda a organização de outras. Entretanto, os espectáculos da Festa terão este ano artistas de Alcácer. Para já, está garantida a actuação do Duo Sadino

(acordeonistas), de Ernesto Maravilhas e do poeta popular Aníbal «Gadelha» de Palma.

● **Ferramentas** — A Festa do «Avante!» constrói-se com o trabalho e com a colaboração de muitas pessoas. E essa colaboração tem várias formas. O exemplo que em seguida referimos fala por si: trabalhadores de uma empresa da 2.ª Zona do Comité Local de Lisboa quotizaram-se e compraram 10 chaves luneta n.º 22 para oferecerem à Comissão da Festa. E a sua iniciativa não vai ficar por aqui. Outras ofertas se seguirão. A Festa do «Avante!»

constrói-se assim. Com trabalho e com colaboração e também com ideias. O exemplo aqui fica.

● **DORLEI: «por todo o lado há camaradas habilitados»** — E já que falamos de ideias, vem a propósito salientar uma orientação tomada pelos camaradas da Organização Regional de Leiria. Revelam os camaradas a dado passo da sua «Folha Informativa-2» sobre a Festa do «Avante!»: «Este ano a recolha de produtos e objectos para venda no «stand» é uma tarefa a fazer desde já, pois queremos que

nele se venda, além do artesanato e objectos produzidos nas fábricas da nossa região, objectos fabricados pelos próprios camaradas e amigos — objectos em vidro, cerâmica, ferro, madeira, couro, tecido, lã, rendas, bordados, bolos, doces, bebidas, objectos utilitários ou de arte». E pode ler-se mais adiante: «Isto já se está a fazer nalguns concelhos. Em Leiria, estão já a fazer armações para candeeiros em arame, bonecos de pano e de rolhas, pregadeiras, bonés, almofadas de retalhos, etc. Nas Caldas da Rainha, mobílias para bonecas, quadros artísticos,

rendas e bordados. Os cerâmicos estão já a trabalhar na medalha dos Jogos Olímpicos. No Bombarral, suporta-vasos em corda. Em Peniche, trabalhos em corda e pano. Na Marinha Grande, pisa-papéis em vidro, etc. Por todo o lado há camaradas habilitados e ideias originais».

Este ano, o «stand» da DORLEI estará dividido em seis áreas de venda: vidro (a cargo da Marinha Grande), madeira e palha (Leiria), bebida e doces (Bombarral), cerâmica (Caldas), diversos (Alcobaca) e panos e cordas (Peniche).

«Sen-ta-dos!»...

Não é a primeira vez que, durante os espectáculos da Festa do «Avante!» se ouve grande parte da assistência gritar com todo o vigor dos seus pulmões «sen-ta-dos, sen-ta-dos!»...

O clamor ergue-se em geral das últimas filas do público ou, mais exactamente, praticamente a partir do meio e as razões são evidentes: o facto de nas primeiras filas se encontrarem pessoas de pé impede quase por completo a visão do palco para aqueles que se encontram mais atrás.

No Vale do Jamor, relativamente ao palco principal, havia o visível inconveniente de o terreno que lhe era fronteiro ser absolutamente plano. Tal situação obrigava a que a altura do estrado tivesse de ser bastante elevada (de uma forma geral, cerca de 1,80 m) no sentido de evitar o mais possível exactamente que os espectadores em pé cortassem a visão aos que se

encontrassem atrás deles, uma vez que seria assim minimamente possível ver por cima da cabeça da pessoa da frente. É claro que o facto de o palco ser bastante alto obrigava igualmente a conceder-lhe a chamada pendente bastante acentuada, isto é, que a parte da frente do estrado fosse, embora alta relativamente ao chão, mais baixa que a parte de trás.

Em qualquer dos casos, a verdade é que o próprio facto de o palco ser alto impelia as pessoas que se encontravam mais à frente a manterem-se em pé — embora às vezes apenas para não perderem a visão dos pés dos artistas, o que sendo importante para dança não o seria tanto para espectáculos de música...

Ora este ano, no Alto da Ajuda, o declive de todo o terreno (que tem criado nos poucos problemas para as construções, canalizações, etc.) tem uma grande

vantagem para o palco principal: dada a situação deste no fundo de uma encosta, a vasta zona reservada à assistência forma um quase anfiteatro natural, assegurando que, dentro de certos limites, o espectador que está mais atrás possa sempre ver sobre a cabeça do que está mais à frente uma vez que se encontra ele próprio a um nível mais elevado (afinal, o que acontece em qualquer plateia de teatro). Isto permitiu descer a altura frontal do palco (para 1,30 m) sem qualquer prejuízo para as pessoas que se encontram mais perto. Acontece que deixa de haver qualquer necessidade de seja quem for permanecer de pé: bem pelo contrário, todos têm vantagem em se sentarem.

É claro que ainda não houve condições para dotar o recinto do público com as dezenas de milhares de cadeiras que seriam necessárias... O assento é pois o grande,

vasto, sólido e estável... chão! Há sempre o recurso à almofadinha de espuma ou insuflável, e, em última instância, ao lenço ou ao jornal...

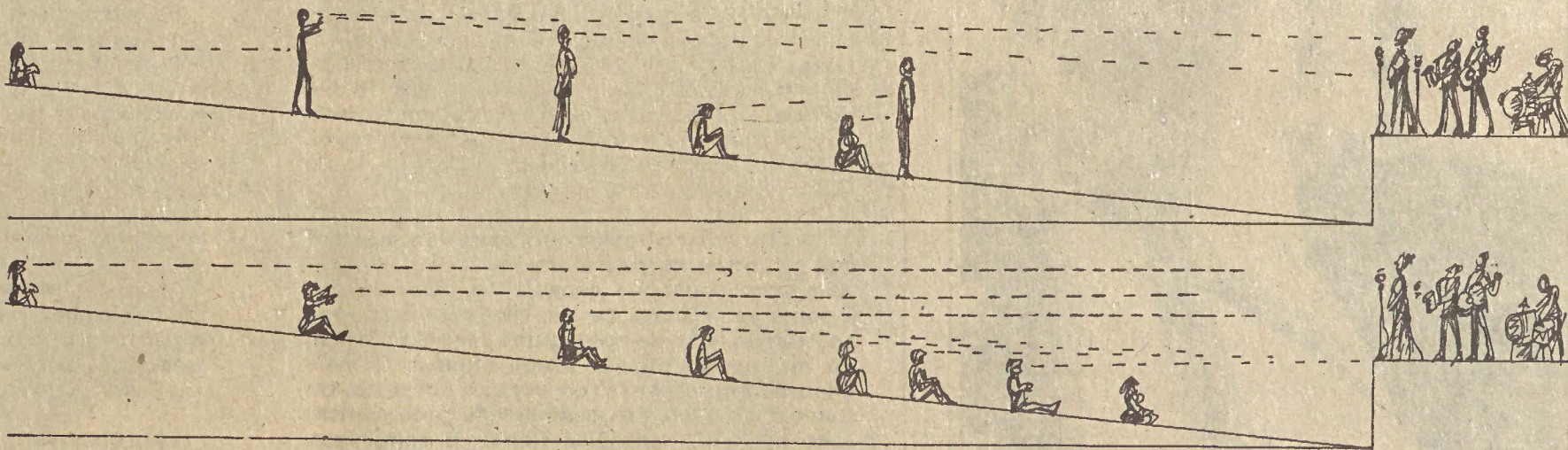
Os camaradas desenhadores traçaram os esquemas que publicamos abaixo e que mostram com toda a clareza os prejuízos para todos que representa o espectador que se conserva de pé: como se pode verificar, mesmo ficando também de pé, aquele que estiver mais atrás jamais conseguirá ter uma visão completa do palco. Bem pelo contrário, se todos estiverem sentados, todos poderão ver todo o palco.

A encosta do referido anfiteatro tem uma inclinação de 10%, ou seja, em cada 10 metros o terreno sobe um metro. Isto significa que, considerando que para uma pessoa sentada os olhos ficam a uma média de 70 cm do chão, o espectador que esteja

a 10 metros do palco já o está a ver completamente de cima pois os seus olhos estão a 1,70 m acima do nível da base do palco: a 50 metros essa altura é já de 5,70 m, isto é, mais 4,40 m que o estrado.

Melhor que todos estes números falam contudo os desenhos que, esperamos, sejam deveras convincentes para todos os futuros espectadores! Onde, há que divulgar os para que o tal «slogan» desapareça definitivamente dos sons escutados frente aos palcos da nossa Festa e os camaradas apresentadores não tenham de recolher as habituais e estrondosas salvas de palmas quando, entre um artista e outro, repetem: «Camaradas! Pediamos aos camaradas que estão mais à frente que se sentassem a fim de facilitarem a visão aos que se encontram mais atrás»...

Este ano, já estará tudo... sen-ta-do!



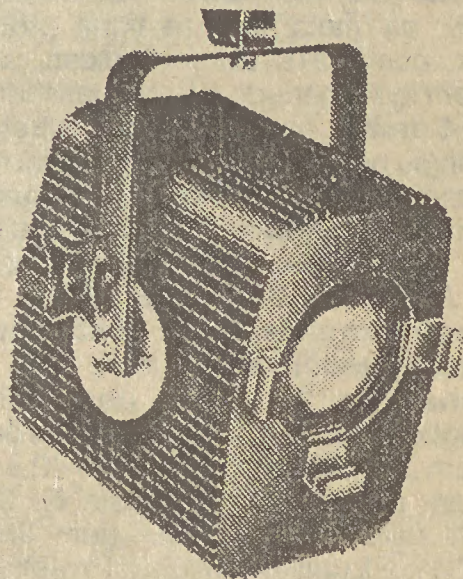
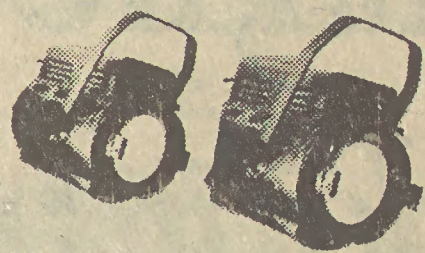
edições
Avante!

LENINE E A REVOLUÇÃO

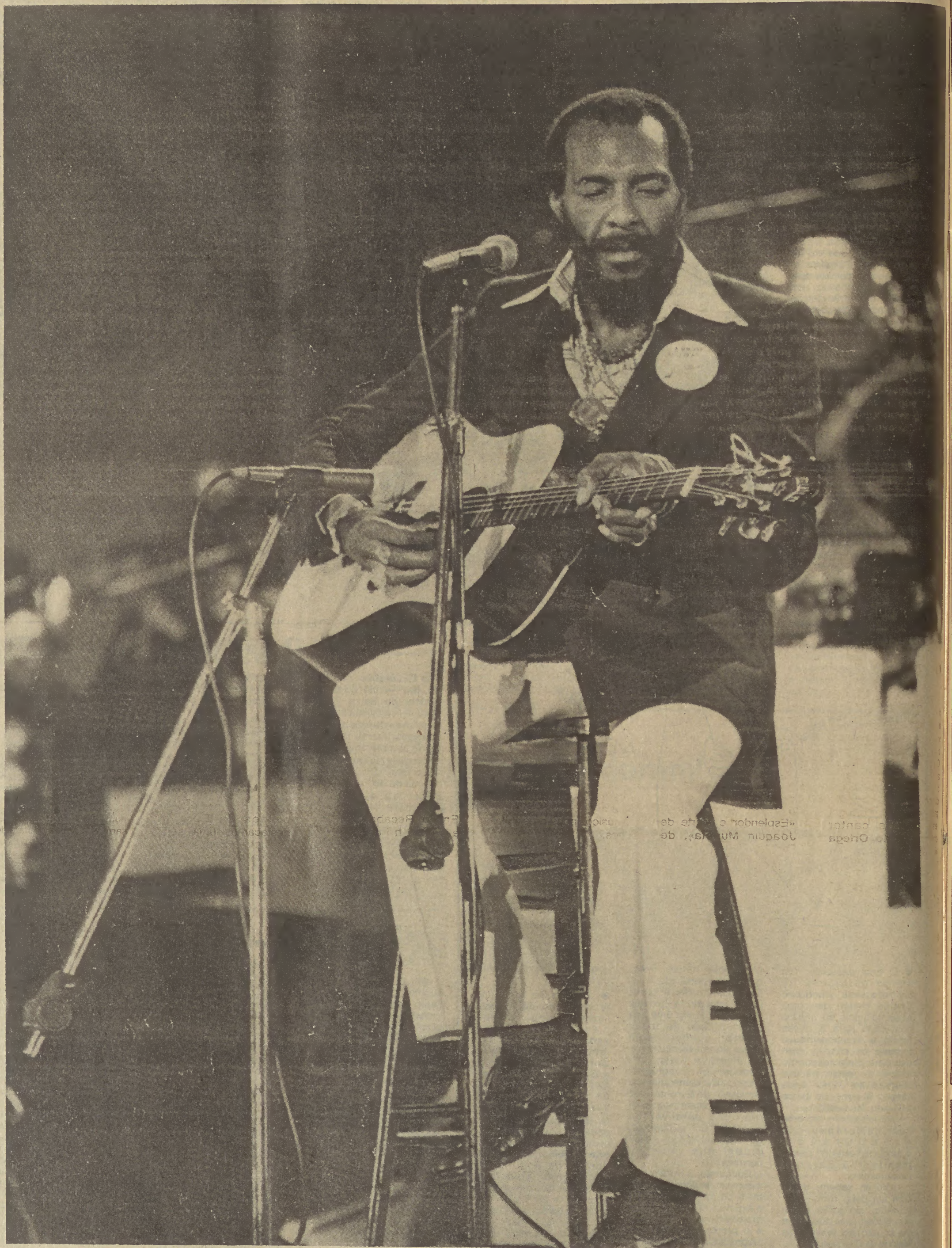


O testemunho da queda do antigo regime e da vitória da grande revolução russa numa descrição

do jornalista Albert Williams que assistiu à marcha triunfante do poder soviético



OS ARTISTAS DA FESTA DO Avante!



• Richie Havens

Richie Havens começou por tocar guitarra nos pequenos bares e clubes de Greenwich Village, em Nova Iorque, em 1962. Eram canções de esperança, de fraternidade. Hoje, 17 anos volvidos, Richie Havens é um dos maiores nomes da cena musical dos EUA, um dos representantes mais apreciados da riquíssima escola norte-americana da canção de texto, da canção de intervenção.

«Tento cantar canções que falam de coisas por que as pessoas passaram» — explica Havens. «Ninguém consegue escapar ao facto de que alguma vez chorou ou ri. Ninguém consegue escapar ao facto de que alguma vez sentiu o bem ou mal, amou ou não amou alguém. O mais importante, ao estar-se em cima de um palco, em frente do público, é a possibilidade de comunicar esse tipo de sensações. Cantar é comunicar. Escrever uma canção é comunicar. Assim o público e eu identificamo-nos quanto às nossas esperanças e aspirações».

Com a idade de 17 anos, Havens saiu de sua casa «para ver como eram as coisas cá por fora». E passou por tudo. Desde correio na Western Union a «caixa» de um restaurante, passando por operário numa fábrica de bonecas. E mesmo quando chegou a Greenwich Village não foi como cantor ou músico, mas como pintor-de-domingo desenhando retratos para os turistas...

Foi nesta altura que se interessou pela guitarra. Simplesmente, não tivera oportunidade de estudar música e tornou-se autodidacta utilizando um estilo pouco ortodoxo e muito próprio de tocar guitarra. Havens percorreu então o tradicional circuito dos pequenos clubes construindo pouco a pouco um caminho. Mas seria o seu primeiro disco, «Mixed Bag» a chamar pela primeira vez as atenções para a qualidade do seu trabalho. E, claro, muito de importante se passou desde então.

Mas, certamente, o momento mais alto da sua carreira, o que o trouxe para o primeiro plano da cena musical, foi a sua inesquecível actuação no maior festival de «rock», «pop», e «folk» de todos os tempos — o Festival de Woodstock.

Para quem viu entre nós o filme sobre Woodstock, torna-se claro que Richie Havens foi talvez a maior revelação de todos os músicos que actuaram a solo nesse Festival, se considerarmos, ainda, que a seu lado estiveram nomes como os de Crosby, Stills, Nash & Young, Jimmy Hendrix, Joan Baez e Carlos Santana.

A sua interpretação de «Freedom», baseado no espiritual «Sometimes I feel like a motherless child» e, sobretudo, a canção «Handsome Johnny» considerada pelos críticos como um autêntico «show stopper» (expressão de difícil tradução mas que

significará em termos nossos, «que fez vir a casa abaixo!»), constituiram os pontos máximos desse festival.

A carreira de Richie Havens conheceu já um longo caminho. Gravou vários discos depois de «Mixed Bag». Brevemente, assinará um novo contrato com uma conhecida editora discográfica. E, nos anos mais recentes, fez «tournées» por vários países.

Além disso, é um artista, um homem, preocupado com a realidade que o rodeia e com a intervenção social e artística face aos grandes problemas humanos, como a paz, a justiça, a luta contra a opressão. Tornou-se, assim, um dos membros do movimento pela emancipação dos índios norte-americanos.

«Não sei como classificar as coisas que faço. Alguns consideram-me um cantor de «blues», outros um cantor «folk». Eu considero-me apenas um cantor. O meu repertório é variado. As coisas são tão simples como isto! O que mais me satisfaz, no entanto, é saber que toda uma geração de jovens me descobre. Uns são universitários, outros não. E isso é bom. De facto é uma sensação parecida com a que sentia quando comecei e encontrei uma nova geração para a qual eu ia cantar algo de novo».



• Sérgio Ortega e Taller Recabarren

Vamos ter finalmente na nossa Festa deste ano, um dos maiores vultos da música popular chilena — **Sérgio Ortega**. Já aqui adiantamos, há cerca de um mês, que decorriam os contactos para trazer a Portugal este grande cantor chileno. **Sérgio Ortega** viverá com todos nós noites de grande alegria, confraternização e, também, de solidariedade internacionalista e revolucionária.

Além de cantor, **Ortega** é o conhecido compositor e autor de muitas canções da Unidade Popular que ficaram famosas como, entre outras, «Venceremos» e «El Pueblo Unido», verdadeiros símbolos da luta do povo chileno pela democracia e pela

liberdade e, também elas, retomadas em Portugal pelos cantores do Portugal de Abril, como canções de luta e de esperança.

Sérgio Ortega compôs igualmente:

— Música para o teatro (entre outras, «Esplendor e Morte de Joaquín Murieta», de Pablo Neruda, que o público português, aliás, conhece, pois foi a primeira peça apresentada em Portugal depois do 25 de Abril pelo Grupo de Teatro de Campolide).

— Música para o cinema («La communion solennelle», de René Féret), e seis documentários longas-metragem para os estúdios «Heunowsky & Scheumann», etc.

— Quatro cantatas populares («La Fragua»

«Canto al Programa», «Las dos Madres», «O'Higgins»).

Numerosas obras de música de câmara galardoadas com prémios internacionais.

Sérgio Ortega colaborou praticamente com todos os grandes músicos populares chilenos.

Actualmente exilado em França, **Ortega** desloca-se ao nosso país na companhia do igualmente famoso **Taller Luis Emilio Recabarren**, um grupo formado por músicos chilenos e franceses, dos quais cinco mulheres e cinco homens. E não é por acaso que assim se chama o grupo com que **Sérgio Ortega** vai estar entre nós. **Taller** (oficina) é exactamente um grupo que, para além das

actuações em público, se dedica a um trabalho de experimentação musical no sentido da criação de obras elaboradas com base na melhor tradição musical europeia clássica e de vanguarda e na música popular chilena. E **Luis Emilio Recabarren** foi escolhido em homenagem ao pai do movimento operário organizado, ao fundador do Partido Comunista do Chile. Mas outro objectivo primordial do **Taller Recabarren** é o de fazer chegar a sua música ao Chile, através de emissões radiofónicas, e de participar nas acções de solidariedade internacional com o povo chileno.

Assim, pode dizer-se que, musicalmente,

o **Taller** é uma tentativa conseguida de exprimir a realidade chilena de hoje, fazendo coexistir elementos da música popular com a herança musical universal.

Das várias actuações ao vivo em diversos países da Europa, destacamos uma série de concertos no Teatro Campagne Première (Paris), o Festival de Música e Teatro «Steyrischer Herbst» (Graz - Áustria), o Festival da Canção Política (Berlim-RDA), o Festival de Música de Saints (França) e numerosos concertos de solidariedade em França (provincia e região parisiense, em Paris, no Teatro d'Orsay), em Itália, Áustria, Checoslováquia, RFA, etc.

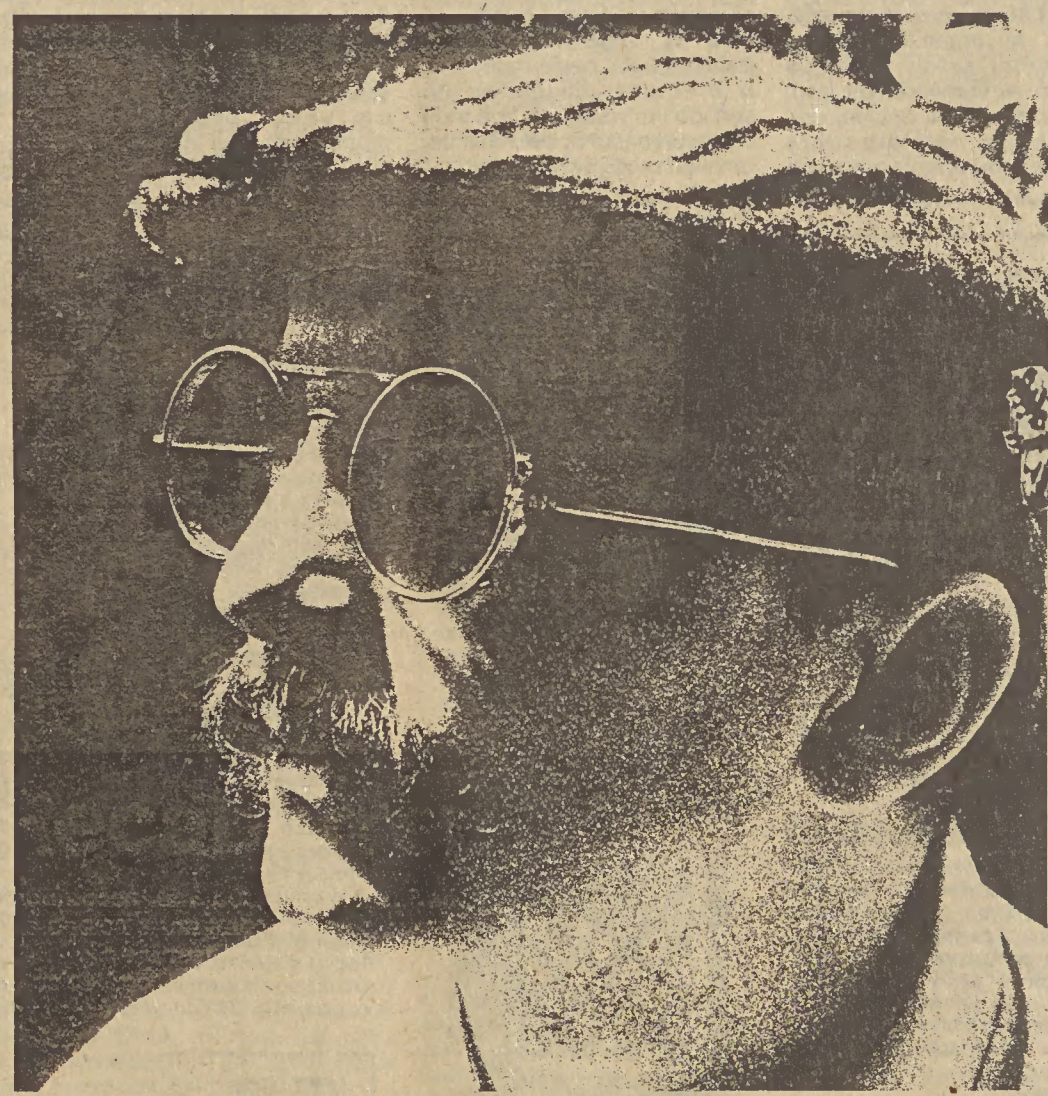
• Tomasz Stanko

Este ano, novamente o «jazz» polaco estará presente na nossa Festa, desta vez, representado por um dos grandes nomes do «jazz» de vanguarda da Polónia, o trompetista e compositor **Tomasz Stanko**.

Stanko nasceu em Rzeszów em Julho de 1942, de uma família de músicos. Recebeu as primeiras lições de violino de seu pai e mais tarde estudou violino e piano na escola elementar de música. A partir de 1959 escolheu o trompete na Escola Secundária de Cracóvia, que frequentou, e, depois, na Escola Superior de Música onde se formou em 1969. Os primeiros contactos com o «jazz» datam de 1958, num concerto com Dave Brubeck. Nos finais de 1962, juntamente com A. Makowicz, formou um quarteto, «The Jazz Darings» que, no ano seguinte, ganharia o Concurso de Jazz do Sul da Polónia, tendo o próprio **Stanko** conquistado o primeiro lugar na qualidade de solista. Anos mais tarde, Joachim Berendt, famoso crítico e especialista de «jazz», no seu livro «The New Jazz Book», classificaria este quarteto como o primeiro na Europa no campo do «Jazz» de vanguarda e descreveria o próprio **Tomasz Stanko** como «o primeiro músico na Europa a traduzir Ornette Coleman para uma linguagem própria». Em 1963 **Stanko** começou a trabalhar com o Quinteto de Krzysztof Komeda, talvez o maior músico de «jazz» polaco, hoje já falecido, e dedica-se à carreira de músico profissional a partir da sua actuação no Jazz Jamboree desse mesmo ano, em Varsóvia. Tocou, depois, em Bled, Praga, Königsberg e fez uma «tournée» pela Escandinávia. É por esta altura que **Stanko** conquista uma enorme admiração em

toda a Polónia, vencendo praticamente todas as votações de leitores das revistas da especialidade do seu país, na categoria de trompetistas. Com o Quinteto de Komeda grava um dos mais importantes discos da história do «jazz» polaco — «Astigmatic» — e, durante os anos 1965/69, trabalha igualmente com Andrzej Trzaskowski e participa em vários «workshops» em Hamburgo. Depois de se ter formado em 1969, fixa-se em Varsóvia. Como instrumentista e compositor torna-se uma das figuras-chave da Orquestra de Jazz da Rádio Polaca e, no Concurso de Composição Krzysztof Komeda (no Jazz Jamboree desse ano), a sua peça «Music for K» é galardoadada com o primeiro prémio. Em 1971 o seu Quinteto ganhou enorme fama internacional e participou sucessivamente em vários e importantes festivais e encontros de «jazz»: Altena Internacional Jazz Meeting, Horsens Multi Music Fest, Berlin Free Jazz Meeting e, mais uma vez, no Jazz Jamboree de Varsóvia onde actuou juntamente com o Diane Black Dance Theatre da Dinamarca. Para coroar esse ano de grande consagração nacional e internacional, **Tomasz Stanko** conquistou o primeiro lugar como trompetista na votação internacional dos leitores da revista «Jazz Forum», órgão da Federação Europeia de Jazz.

Tomasz Stanko é, assim, geralmente considerado como o continuador das ideias musicais de Krzysztof Komeda tanto como compositor como instrumentista, e ainda uma das mais fortes personalidades no panorama do «jazz» europeu de vanguarda, um infatigável explorador dos domínios desconhecidos do som, da articulação e da dinâmica musical.



coincide com a aceitação por parte do público.

2. Experimentei momentos de grande êxito no Festival Berlin Jazz Days. Nós (o Quinteto de Tomasz Stanko) tocámos ao lado de alguns grandes músicos, como Oliver Nelson, George Russell e Charlie Mingus. Musicalmente, isso coincidiu

com o fim de um dado período, o do «free-jazz» («Music for K»). O concerto foi igualmente um enorme êxito público que nos abriu as portas para a cena europeia.

3. O êxito pode sobretudo ajudar. Abre-nos maiores possibilidades para contac-

tos mais vastos, o que, por outro lado, torna mais fácil o desenvolvimento musical.

4. O êxito, no «jazz» tem origem na busca sincera de um objectivo. O meu conselho é — trabalho! Tem de se pensar muito sobre a música, todo o tempo — e pensar é também trabalho!

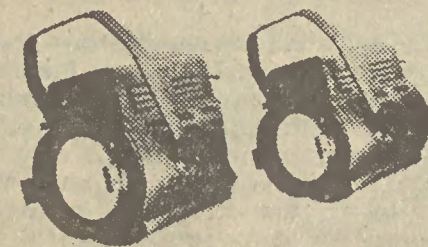
A revista «Jazz Forum», órgão da Federação Europeia de Jazz, fez há tempos um inquérito a vários músicos de «jazz» americanos e europeus subordinado às seguintes quatro questões:

1. Como definiria o êxito?
2. Qual foi o maior êxito da sua carreira?

3. De que maneira pode o êxito afectar a vida e o trabalho de um músico?

4. Considera que existe qualquer coisa como a chave para o êxito? E, se existe, quais os conselhos que daria aos músicos jovens?

Eis as respostas de Tomasz Stanko a este inquérito:



• Mercedes Sosa



• Max Roach



• Mike Glick



• Jabula



• Gwendal



II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria

• Notas de esclarecimento

A fim de esclarecer os candidatos a participantes na II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, integrada na Festa do «Avante!» de 1979 e para tornar possível uma melhor organização da mesma, levamos ao conhecimento dos interessados algumas notas para divulgação através das organizações regionais e locais da prova. Estas notas completarão e esclarecerão o regulamento anteriormente divulgado (e publicado na íntegra pelo «Avante!» na edição de 26 de Julho).

1. Data e local da Prova

A II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria integra-se no programa desportivo da Festa do «Avante!» de 1979 e realiza-se no dia 9 de Setembro, domingo, no percurso compreendido entre a Gare Marítima de Alcântara e a Torre de Belém, através da estrada e arruamentos da jurisdição da Administração Geral do Porto de Lisboa. A meta para esta prova é a mesma para todas as distâncias e situa-se no relvado em frente da Torre de Belém. As linhas de partida para as diversas distâncias situam-se ao longo do percurso e são definidas pelas letras A, B, C, D, E, F, do croquis anexo.

2. Locais de partida e de reunião, horário e ordem das provas — A reunião dos concorrentes realizar-se-á a partir das 08.00h no relvado

em frente da Torre de Belém. A Comissão Organizadora providenciará para assegurar locais para equipamento e arrecadação das roupas dos concorrentes.

Os concorrentes deverão concentrar-se nos locais de partida com 30 minutos de antecedência em relação ao horário do início de cada uma das provas.

A ordem das provas, a hora e os locais de partida são os que se apresentam no quadro anexo.

3. Identificação dos participantes — Os participantes nas diversas provas da II Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria serão identificados através de um número que será aplicado na parte anterior da camisola. Este número deverá ser entregue após terminada a prova, no final da chegada, a fim de ser possibilitada

a classificação dos concorrentes.

4. Inscrição dos participantes — A preparação da prova, em especial a atribuição de números aos concorrentes e a distribuição dos mesmos pelas diversas distâncias, tem de ser feita com antecedência. Deste modo devem ser enviados para a Comissão Organizadora do Desporto da Festa do «Avante!» os nomes dos concorrentes bem como as idades respectivas e as distâncias em que irão participar. De acordo com o regulamento da prova as inscrições devem dar entrada na Comissão Organizadora do Desporto da Festa do «Avante!» até ao dia 28 de Agosto a partir da qual não serão aceites novas inscrições.

5. Reuniões preparatórias — A partir das 15.00 horas do dia 8 (sábado, 2.º dia da Festa do «Avante!») o júri da prova receberá os representantes dos concorrentes a quem dará as últimas informações sobre a prova, ao mesmo tempo que serão distribuídos o número para os concorrentes.

Este encontro far-se-á no Stand do Desporto da Festa do «Avante!». No caso de não ser

ORDEM DAS PROVAS	ESCALÃO ETÁRIO	DISTÂNCIA	LOCAL DE PARTIDA (Ver «Percurso»)	HORA DE PARTIDA
1.ª	7-12 Masc..	2 000m	Estrada interior à via férrea. Em frente à Praça Afonso de Albuquerque — Ponto F	09.30h
1.ª	7-13 Fem.	2 000	Estrada interior à via férrea. Em frente à Praça Afonso de Albuquerque — Ponto F	09.30h
2.ª	25 em diante Fem.	2 000m	Idem — Ponto F	09.35H
3.ª	13 aos 15 Masc.	3 000m	Estrada interior à via férrea junto à S.E. Marinha Mercante — Ponto E	09.40H
4.ª	14 aos 24 Fem.	3 000m	Estrada interior à via férrea junto à S.E. Marinha Mercante	09.45h
5.ª	35 em diante Masc.	3 000m	Estrada interior à via férrea junto à S.E. Marinha Mercante — Ponto E	09.50h
6.ª	16 aos 18 Masc.	5 000m	Junto à Doca St.º Amaro. Ponto C	10.00h
7.ª	30 aos 35 Masc.	6 000m	Cais — Junto à S.E. Marinha Mercante — Ponto B	10.10h
8.ª	19 aos 30 Masc.	7 000m	Cais — Junto à Doca de Belém — Ponto A	10.20h
9.ª	Todos os escalões — Masc. e Fem.	5 000m Marcha	Junto à Doca de St.º Amaro — Ponto C	10.45h

possível aos participantes comparecerem nesta data e local, serão distribuídos os números aos concorrentes no relvado de Belém, no dia 9 às 8.00 horas.

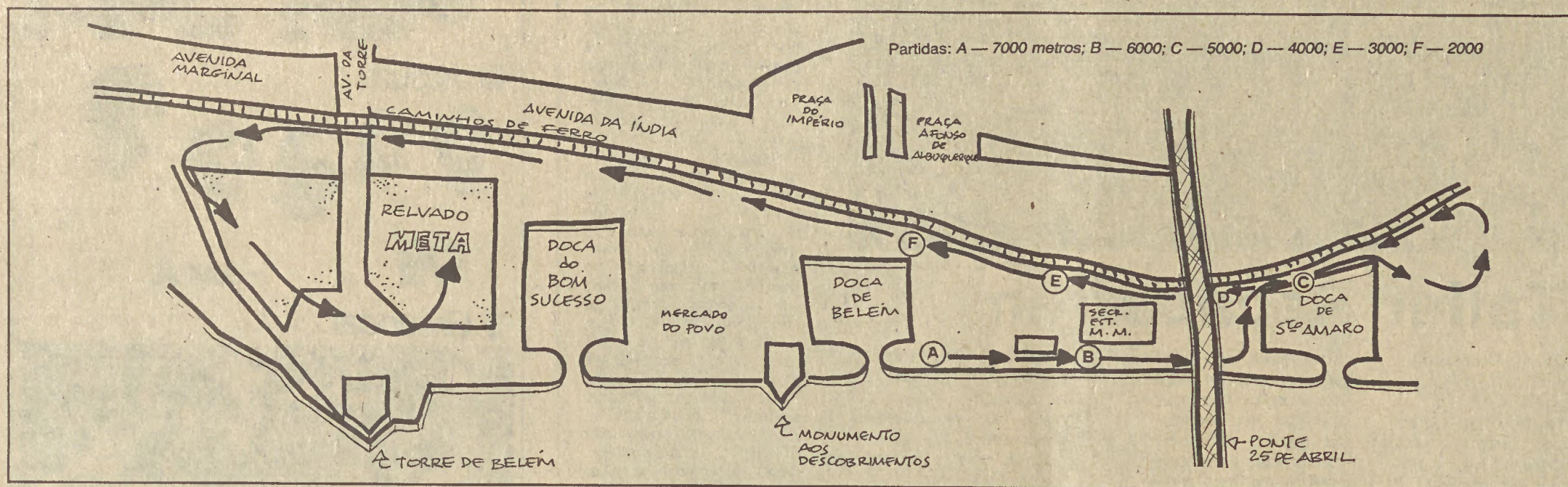
6. Prémios — De acordo com

o regulamento serão atribuídos certificados de participação a todos os concorrentes e medalhas aos 3 primeiros classificados de cada prova.

Os certificados serão distribuídos no local da prova

a todos os que a tenham terminado.

A divulgação das classificações das medalhas e a distribuição serão feitas às 18.00 no Stand de Desporto da Festa do «Avante!»



«I Estafeta Alcobaça — Festa do Avante!»

• 129 300 metros de corrida e amizade

Na passada semana publicámos o Regulamento da «I Estafeta Alcobaça — Festa do Avante!», iniciativa da Comissão Concelhia local que constitui, como aqui já sublinhámos, uma das grandes jornadas desportivas de divulgação da 4.ª Festa do «Avante!» e, ao mesmo tempo, uma importante acção em prol do desporto de massas, direito do povo.

Hoje proporcionamos aos camaradas e amigos leitores uma «imagem» (em 10 breves notas informativas) do que já é e principalmente do que será essa entusiástica jornada a realizar no dia 8 de Setembro, com partida de Alcobaça e destino à Festa do «Avante!», no Alto da Ajuda, em Lisboa.

• Foram já enviados exemplares de Fichas de Inscrição, Regulamento, Percurso e Guia de Treino a todas as 51 Colectividades do Concelho de Alcobaça.

• Os mesmos materiais estão também a ser remetidos para os Centros de Trabalho do Partido no Distrito de Leiria e ainda para os CTs das localidades incluídas no itinerário da prova.

• ITINERÁRIO:

Alcobaça — Alfeizerão — Caldas da Rainha — Óbidos — Bombarral — Ramalhal — Torres Vedras — Malveira — Loures — Póvoa de Santo Adrião e Lisboa por: Olival Basto, Calçada do Carriche, Av. Padre Cruz, Desvio para Benfica, Av. Marechal Carmona, Estádio Pina Manique, Largo da Cruz das Oliveiras, Estrada dos Marcos,

Alto da Ajuda. Total do Percurso: 129.300 metros.

• Todas as Organizações do partido (ou outras) que desejem esclarecimentos sobre a prova devem pedir-las para: Comissão Concelhia de Alcobaça do PCP — Rua Alexandre Herculano, 8 — 2.º, 2460 — ALCOBAÇA, ou pelo telefone 43137 («ajudas») para selos serão sempre bem recebidas).

• O símbolo da Estafeta é o símbolo desportivo da Festa, mudando apenas as cores que são as de Alcobaça: azul, amarelo e preto.

• Vão ser editados autocolantes, camisolas,

medalhas e, provavelmente, bonés. As organizações que desejarem estes materiais devem encomendá-los com urgência. Seria ótimo que todos os participantes usassem, durante o percurso,

pelo menos a camisola com o símbolo da Estafeta.

Em princípio, estes materiais estarão à venda na Festa, no Pavilhão da DORLEI.

• A Estafeta está orçamentada em 40 contos, estando já a trabalhar uma Comissão de Fundos para angariar esta quantia. Esta Comissão vai editar «cartões» no valor de 300\$00, 150\$00, 60\$00 e 30\$00, equivalentes, respectivamente, ao custo de 1 km, 500, 200 e 100 metros da Estafeta.

Todos os amigos do Partido que eventualmente não tenham possibilidades de correr, podem, deste modo, aproveitar a oportunidade de ajudarem a correr a prova.

• A organização da Estafeta está, neste momento, a efectuar diligências no sentido de assegurar que todo o percurso tenha, pelo menos, um médico de serviço.



• Para que os objectivos desportivos da Estafeta sejam alcançados, a organização editou um pequeno «Guia de Treino» que se encontra já à venda por 7\$50.

• A Estafeta tem também a finalidade de ser uma grande jornada de propaganda da Festa do «Avante!», tanto durante o tempo de preparação como durante a realização da prova. Com este fim, está já em execução um vasto programa de propaganda que inclui o envio de documentos

a colectividades, notícias para a imprensa regional, nacional e desportiva, Rádio, Televisão, etc. e ainda, uma ampla difusão de cartazes, pinturas, panos, etc.

Está ainda prevista, no domingo anterior à Festa, a deslocação de um carro com aparelhagem sonora que, nas localidades do percurso, procederá à distribuição de folhas volantes, ao mesmo tempo que irá anunciando a realização da Estafeta e horário de passagem na respectiva localidade.

Notícias para o «Avante!»

Tal como os camaradas e amigos leitores já devem ter notado, desde o passado mês de Julho o «Avante!» tem publicado semana a semana diversas notícias e informações sobre a actividade desportiva promovida um pouco por todo o país no quadro da Festa do «Avante!».

Pois bem, com o objectivo de melhorarmos aquele conteúdo informativo solicitamos a todos os camaradas e amigos que de Norte a Sul do país estão a participar nas tarefas de promoção e organização das actividades desportivas enquadradas na 4.ª Festa do órgão central do PCP o especial favor de nos enviarem notícias, de preferência por carta, para a redacção do «Avante!», Rua Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa Codex. Desde já o nosso obrigado.

• Breves



• Chinquinho (Malha pequena e grande) — No concelho de Setúbal está a decorrer com grande entusiasmo um torneio cujas inscrições terminaram no passado dia 31 de Julho, e que se prolongará até dia 15 deste mês. Há prémios para os primeiros classificados. Também no concelho de Sobral de Monte Agraço, aquela modalidade está a mobilizar o interesse de muitos camaradas e amigos. O torneio ali organizado no âmbito da Festa do «Avante!» conta com vinte e duas equipas.

A propósito, publicamos em seguida o Regulamento do Torneio da Malha — Festa do «Avante!»-79:

- I — CAMPO: Área plana com a metragem de 10 m x 4 m;
- II — PALITOS: Dois palitos redondos com 2,5 cm de diâmetro e 6 cm de altura (servem uns pedaços de cabo de vassoura);
- III — DISTÂNCIA ENTRE PALITOS: 7 m, coincidindo com a linha de lançamento, que terá no máximo 5 cm de largura;

• Breves

IV — MALHA: De borcha ou pedra, com o diâmetro de 8 cm x 1 cm de espessura;

V — INÍCIO DO JOGO: Por moeda ao solo, entre equipas;

VI — LANÇAMENTO: Apoiar o pé esquerdo ou direito junto do palito e por detrás da linha que marca os sete metros;

VII — PENALIDADES: Não será válida a pontuação se o concorrente avançar o pé da frente antes da malha cair no solo;

VIII — EQUIPAS: De quatro ou seis concorrentes, só podendo ocupar o campo de jogos duas equipas, jogando alternadamente;

IX — PONTUAÇÃO: Derrube do Palito, 2 pontos; aproximação do Palito, 1 ponto;

X — PRIORIDADE NAS JOGADAS: A equipa que fizer a partida jogará sempre à frente;

XI — FINAL DO JOGO: Quando uma equipa alcançar o mínimo de 24 pontos.



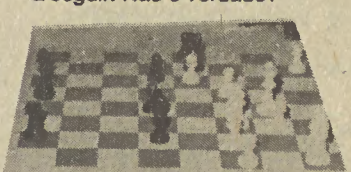
• Futebol de salão — Na passada segunda-feira encerrou o prazo para as inscrições no torneio organizado pelos camaradas do Montijo. Os participantes têm idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, estando distribuídos por oito equipas.

• Breves



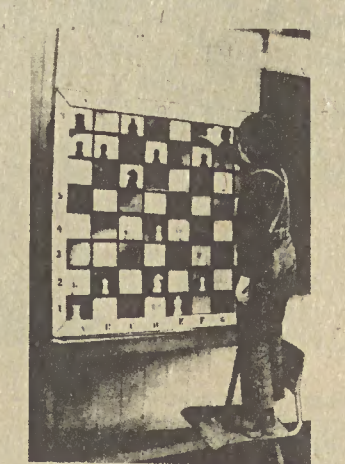
Coimbra dá o exemplo!

A Festa do «Avante!», notícias e calendários dos torneios desportivos (futebol, xadrez e damas) e uma entrevista com uma professora de Educação Física — estes os principais temas da primeira edição do Boletim Informativo «Avante!»-79 publicado pelo Sector Desportivo do PCP de Coimbra. Como se lê no editorial, «esta folha informativa terá o ensino de ir ao vosso encontro semanalmente». Aqui fica, pois, um exemplo de como se pode divulgar a Festa e a actividade desportiva nela enquadrada. Um exemplo a seguir. Não é verdade?



• Breves

• Xadrez — No concelho de Vila Franca de Xira, o torneio organizado pelos camaradas da Comissão de Freguesia da Póvoa inicia-se no próximo sábado. No concelho de Setúbal, começou na passada segunda-feira o respectivo torneio. O xadrez é ainda notícia em Vila Franca de Xira, onde o Centro de Trabalho do Partido promoveu idêntica iniciativa, integrada não só na Festa do «Avante!» como também na campanha de angariação de fundos para a compra do edifício do CT.



• Damas — Está a decorrer em Vila Franca de Xira um torneio organizado por camaradas do Centro de Trabalho do Partido. A iniciativa insere-se também na campanha para a compra do edifício onde está instalado o CT, campanha que está a ser movimentada pela Comissão de Freguesia do PCP. Entretanto, no concelho

• Breves

de Vila Franca de Xira termina hoje o prazo das inscrições (abertas em todos os CTs da zona) para o torneio concelhio, o qual é organizado por camaradas da Comissão de Freguesia da Póvoa. A prova inicia-se no próximo sábado. No Montijo, também a nível concelhio, começou no último domingo um torneio aberto a todos os interessados.



• Atletismo — Termina no próximo domingo (às 24 horas) o prazo de inscrição para a prova a realizar no dia 15, no Parque Municipal do Montijo, devendo os interessados contactar o mais brevemente possível o Centro de Trabalho local. Entretanto, hoje é o último dia em que os camaradas do CT de Setúbal



aceitam inscrições para uma prova idêntica a efectuar no domingo. Os participantes serão distribuídos pelos seguintes escalões: Homens — «C» (até 12 anos); «B» (13 a 17 anos); «A» (mais de 17 anos); Mulheres — até 16 anos e a partir dos 16. Por seu turno, os camaradas de Vila Franca de Xira têm também uma jornada de atletismo em prepa-

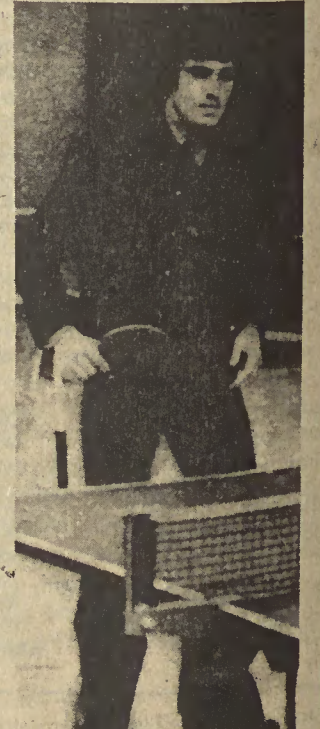
ração, estando abertas as inscrições até ao próximo dia 19. A prova decorrerá no Campo do Cevadeiro, no dia 25, a partir das 9 horas. A organização central da iniciativa é da responsabilidade dos camaradas da Comissão da Freguesia da Póvoa.



• Ciclismo — Esta modalidade também marca presença saliente na actividade programada pelos camaradas e amigos do concelho de Vila Franca. Assim, realiza-se no dia 26 deste mês uma prova velocipédica aberta a todos os interessados com idade limite de 16 anos. As inscrições estão a funcionar em todos os CTs do concelho até ao próximo dia

23. A preparação da iniciativa está entregue aos camaradas do Sobralinho.

• Ténis de Mesa — Outra iniciativa dos camaradas de Vila Franca: um torneio da popular modalidade a realizar a partir do próximo dia 18, em Vialonga. Quem quiser dar uns toques de «ping-pong» já sabe: as inscrições terminam no dia 15. Tal como em relação às outras iniciativas organizadas pelos camaradas de Vila Franca, as inscrições estão abertas em todos os CTs do concelho. A preparação deste torneio é da responsabilidade de camaradas e amigos da freguesia de Vialonga.



Três anos depois, em Setúbal resultados da administração PS

Apenas três concelhos em todo o distrito de Setúbal não tiveram, nas passadas eleições para as autarquias, maioria APU e são geridas por vereadores do Partido Socialista. Setúbal é uma dessas Câmaras. Aí ganhou o PS, seguido do Povo Unido, tendo a actividade divisionista dos então GDUP's conseguido os votos suficientes para um vereador. Tanto o PS como o Povo Unido ficaram representados com três vereadores cada, cabendo aos socialistas a Presidência da Câmara.

O mandato da actual vereação, como os de todas as autarquias eleitas, vai chegar brevemente ao seu termo. Passados quase três anos sobre as eleições de 1976, entrevistámos em Setúbal alguns dos eleitos do Povo Unido: são eles Álvaro Dias, do MDP, vereador, Francisco Lobo, membro suplente do Comité Central do PCP e também vereador, e António Juzarte, deputado comunista à Assembleia da República e membro da Assembleia Municipal daquela cidade.

A primeira pergunta que colocámos incidiu precisamente na maneira como tem funcionado a Câmara Municipal, nestes quase três anos de actividade.

— Pode considerar-se que a maioria da Câmara, socialistas e eleitos do Povo Unido, é democrática. As relações no interior da vereação têm permitido um bom trabalho?

Francisco Lobo, respondeu-nos:

— As relações têm sido difíceis. E a ideia que temos é que as dificuldades que têm existido reflectem muitas vezes as dificuldades entre os partidos a que pertencem os elementos da autarquia. Criou-se uma certa animosidade partidária — mesmo nós não temos estado, por vezes, isentos dela —, e isso pesa muito nas relações internas entre os elementos das autarquias.

— Sim. E embora pensemos que nos encontramos numa fase de aprendizagem democrática, e que este tipo de relações, melhoram com o tempo, podemos afirmar que as populações vêm prejudicadas as soluções dos problemas. Nem sempre são encontradas as melhores soluções para os problemas.

— Quer isso, dizer, que a actividade global do executivo não é satisfatória?

Foi Álvaro Dias quem esclareceu:

— Parece-me que a actividade global do executivo não tem, de facto, sido satisfatória. Sobre tudo porque as medidas que se tomam não têm em conta as opiniões da população.

Têm a ideia de que se a presidência fosse da APU, a actividade seria substancialmente diferente?

— Sim. Apesar das dificuldades que existem considero que poderíamos ir mais longe na resolução dos problemas.

— Porquê?

— Porque há uma grande experiência que alguns dos vereadores do Povo Unido possuem, experiência que já vem do tempo da Comissão Administrativa. Por isso e porque nessa experiência se inclui o contacto com as populações. Não tomaríamos medidas importantes sem primeiro ouvir as populações. De resto é assim que se faz em democracia...

Socialistas não reconhecem as comissões de moradores

— Ora — retomou Álvaro Dias —, não é isso que os dirigentes da Câmara fazem. Alguns socialistas não reconhecem, por exemplo, as Comissões de Moradores. Alguns dizem mesmo que há comissões que não reconhecem.

representam a maioria das populações. Mas esse argumento esconde que, por vezes, se há comissões pouco representativas é porque muita gente vê que o seu papel diminui quando não são consideradas interlocutores válidos para os órgãos de poder local.

Há exemplos recentes de medidas tomadas pela Câmara em que não foram ouvidas as Comissões?

— É o caso da Praça do Brasil. Houve uma transformação total da praça e nem sequer foram ouvidos os moradores. Quanto a nós trata-se de uma obra de fachada, de uma manobra eleitoralista. Criou-se um parque de estacionamento onde havia antes um pequeno parque infantil...

Há ainda outra questão que se prende com essa lembrança António Juzarte.

— É que enquanto o PS diz que não recebe as Comissões de Moradores, acaba por fazer reuniões com alguns moradores isolados, nas costas das comissões... Há, por exemplo, um projecto para a construção de uma sede para o grupo desportivo do Faralhão que nem sequer foi discutido na vereação — apesar de orçado em cerca de 7 mil contos! — e que passou à revelia tanto da Comissão de Moradores como da própria vereação!

— Ao ouvir as populações — ponderou Álvaro Dias — surgem muitas correcções a ter em conta quanto ao trabalho a desenvolver. Por exemplo nas questões de prioridades: era prioritário fazer uma modificação na Praça do Brasil ou os esgotos do Faralhão? Enquanto existiu a Comissão Administrativa, pelo menos mensalmente eram chamadas as Juntas de Freguesia a pôr os seus problemas e, diariamente se ouviam representantes das comissões de moradores...

Desmascarar o «esquerdismo»

— Mas como é possível que decisões importantes passem à revelia da própria vereação?

— São criadas dificulda-

des de relação entre os componentes dos grupos políticos pela falta de sinceridade com que os elementos do PS actuam, muitas vezes. O trabalho tem estado limitado à acção do grupo PS, que acolheu, para adquirir uma maioria, o único vereador gdup, que se tem prestado a todas as jogadas — explicou Francisco Lobo.

Álvaro Dias interveio de novo:

— É necessário desmascarar esses oportunistas «esquerdistas». Aqui em Setúbal, ao princípio, este indivíduo aparecia nas sessões públicas da Câmara, afirmando que não votaria no Francisco Lobo para a vice-presidência porque o Lobo, quando esteve à frente da Comissão Administrativa «nunca tinha feito nada pelo povo»... E, passado quase três anos, qual tem sido a actuação desse Camilo Alminhas? E quem mais falta às reuniões? dificilmente, quando vem, aguenta mais de meia hora sentado em cada uma; não conclui nenhuma tarefa que seja de sua atribuição.

Eu fiz parte de uma comissão de atribuição de casas na qual ele também se encontrava. Nunca chegou a comparecer, apesar de instado variadíssimas vezes. Como vereador dos mercados não resolveu nenhum problema, antes os criou com os vendedores ambulantes; na habitação, a sua actuação limitou-se a acirrar as populações mais carecidas contra a Câmara, quando esta já tinha em curso algumas soluções.

Promessas e realidades

— As campanhas eleitorais do Povo Unido e do PS foram substancialmente diferentes: enquanto os primeiros não fizeram promessas e basearam o seu programa no conhecimento concreto que tinham do trabalho autárquico e da realidade do concelho, os socialistas avançaram promessas. Têm-se concretizado?

— Independentemente do desconhecimento que pudessem ter — respondeu Francisco Lobo —, eles fundamentaram a sua promessas em pareceres pessoais que não tinham nada a ver com a realidade. Por outro lado, na prática, o PS tem-se servido da Câmara mais no interesse partidário que no interesse do povo. É assim que, por exemplo, exoneraram o seu cargo o presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, que era da APU, para o substituírem por um socialista, alegando mesmo o Presidente da Câmara que se tratava de um acto político: já que fora o mais votado, o PS deveria ter a presidência de tudo o que dissesse respeito ao município. E quais os resultados? A partir daí começaram a ser desbloqueadas verbas para os Serviços Municipalizados. Até aí o PS não os apoiava. Inclusivamente foi proposto e defendido o aumento da tarifa da água. Aumento necessário. Mas, quando a APU o propusera, oito meses antes, essa solução foi vetada pelo PS. O agravamento do défice durante esses oito meses traduziu-se em alguns milhares de contos...

— Em toda a actuação da Câmara dirigida pelo PS tem-se notado uma grande ausência de planificação — disse entretanto o vereador Álvaro Dias. — Não foi feita sequer uma planificação geral das obras a executar no concelho. Quanto a nós é um dos erros mais graves desta direcção.

As obras entretanto executadas, ao longo destes dois anos, foram de iniciativa pessoal de vereadores PS e não correspondiam sequer aos planos anuais de obras, que não foram cumpridos.

— Porque não foram cumpridos?

— Uns por carências financeiras e desconhecimento dos limites em que a Câmara podia actuar e outros também porque foram



Setúbal, à beira do Sado, transforma-se rapidamente. A pesca representa hoje apenas uma pequena parte da actividade de um concelho cada vez mais industrializado. A cidade cresce e alarga-se e crescem os problemas da sua população que aumenta. Sanamento, urbanização, escolas, vias de comunicação, são muitas e complexas as carências. E a cidade continua à espera de uma administração activa, eficaz e que dialogue com os moradores.



preteridos às obras que os vereadores PS queriam...

Francisco Lobo contou: — No tempo da Comissão Administrativa, foi instalada uma grande rede de esgotos no Faralhão. Nessa altura levantavam-se problemas graves por causa da inquinação das águas dos poços em várias zonas e a construção dos esgotos era urgente.

Entretanto alguns projectos não se chegaram a concluir por dificuldades de ordem burocrática da parte dos governos provisórios e dos seguintes. Agora a Câmara já poderia tomar opções para a sua conclusão. São obras de primeira necessidade. Se a Câmara tivesse preterido outras, de fachada, os esgotos já poderiam estar concluídos.

Política de favoritismo

— Vários problemas se põem à actuação da direcção PS, na Câmara,

deixa-nos preocupados. Por exemplo — adiantou Álvaro Dias, — a Câmara recebeu há pouco 20 mil contos para subsidiar os estragos causados pelas cheias. Aqui está um exemplo da política de preferência do Governo. Santarém, que sofreu muito mais, só recebeu dez mil. Mas que vai fazer a Câmara desses vinte mil contos? Irá aplicá-los em obras necessárias ou em obras de fachada?

Há mais exemplos da política de favor do Governo PS em relação a municípios com presidentes seus: aqui em Setúbal obtiveram-se dotações de 52 mil contos enquanto outros concelhos, com problemas tanto ou mais graves nada receberam. Em Santiago do Cacém, cuja Câmara é de maioria APU, foi entregue dinheiro a uma Junta, que é do PS, sem mesmo que a Câmara soubesse!

— Quer dizer que também em Setúbal, os vereadores têm sido marginalizados na administração da autarquia?

— Na verdade, os

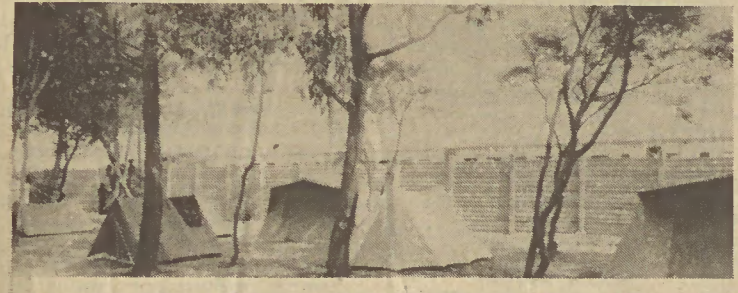
vereadores Povo Unido não têm conhecimento de grande número de opções tomadas e, se algumas vezes as conhecem é porque a sua dedicação os leva a pressionar os vereadores do PS para que deem contas da sua actividade. Outras vezes é a própria população que nos comunica os problemas.

Os contactos da APU com a população têm sido intensos?

Não tanto como seria de desejar — esclareceu Francisco Lobo. — Só temos um vereador a tempo inteiro na Câmara e as obrigações profissionais e a própria actividade limita o tempo que deveríamos dedicar aos contactos com as populações.

Pensam no entanto que, nas futuras eleições, há boas perspectivas para a Aliança Povo Unido?

Naturalmente ganharemos mais votos. Os nossos vereadores têm confiança de que a próxima vereação municipal terá a presidência da APU. E lutam por isso.



De sábado até dia 19 Juventude acampa em S. Pedro de Moel

«Viver uma semana de alegria, fraternidade e camaradagem» — este é o convite dirigido a todos os jovens pelo Departamento Juvenil da União dos Sindicatos de Leiria (USL), que realiza em S. Pedro de Moel, junto ao farol, um grande acampamento que irá juntar muitos campistas do próximo sábado até dia 19.

«A organização vai garantir todos os dias pão e leite fresco. Iremos ter também batatas, feijão, conservas e alguns temperos. Isto são géneros que tu poderás adquirir mediante pagamento no acto da compra» — informa a entidade organizadora, que sublinha ainda:

«Para ti, amigo, escolhemos um belo local. Fica a poucos

metros de uma óptima praia e pertíssimo de uma magnífica floresta que convida a uma boa sesta nas horas de mais calor. Se não te esqueceres da cana poderás arranjar uma boa pescaria para o almoço».

Do variado programa organizado, destacamos as provas desportivas, sessões de teatro, cinema e Canto Livre, folclore, fados e colóquios. Haverá também um curso de fotografia subordinado ao tema: «A Criança». Cada concorrente pode apresentar um máximo de cinco fotos.

Os interessados devem informar-se nos sindicatos do distrito de Leiria ou na USL (Rua Rodrigues Cordeiro, n.º 9, Leiria).

I Encontro da APU faz o balanço: Sesimbra — dois anos e meio de trabalho!

Dois anos e meio de trabalho e esforço ao serviço da população de Sesimbra — um balanço necessário que foi feito no último sábado no decorrer do I Encontro concelhio da Aliança Povo Unido, realizado no Externato Princesa Santa Joana. Os êxitos, as dificuldades e as perspectivas foram, sem dúvida, as notas que mereceram análise mais atenta durante a reunião, que debateu, entre outros assuntos, os problemas do turismo, saúde, organizações de moradores, luz e água, porto de abrigo, habitação, ensino e cultura.

Eleitos maioritariamente para os órgãos autárquicos do concelho em 1976, os representantes do Povo Unido puderam já apresentar um balanço muito positivo da sua actividade, do qual destacamos a título de exemplo:

- Apoio às cooperativas de habitação económica e às colectividades populares;
- Acção em defesa dos interesses dos trabalhadores do concelho;
- Aprovação do plano de ordenamento. Em Outubro estarão prontos o plano geral da vila de Sesimbra, o plano geral de Santana e o plano de pormenor de Palames;
- Estudos com vista à defesa do património histórico e cultural do concelho;
- Participação de Sesimbra numa associação regional de turismo a criar e que englobará, em princípio, Almada, Grândola, Palmela, Santiago do Cacém, Setúbal e Sines;
- Ampliação do parque de campismo, que no passado mês de Julho já beneficiou cerca de quatro mil pessoas;
- Reactivação das festas populares e defesa do valor das grutas descobertas no Zambujal;
- Entrega de 104 fogos a famílias mais necessitadas do concelho e, provavelmente em Novembro próximo, mais 32;
- Noventa por cento do concelho tem já luz e abastecimento de água;
- Primeiros passos concretos na construção do porto de abrigo, velha aspiração dos pescadores e da população em geral;

Desvio dos esgotos, que já não correm para a praia.

Como afirmou o Presidente da Câmara, Ezequiel Lino, no encerramento dos trabalhos do encontro, «tivemos condicionaismos de várias ordens, boicotes do poder central e até entraves de algumas forças do concelho; mas analisando o trabalho realizado nestes dois anos e meio de vivência democrática e o do «antigamente» podemos dizer que a transformação de Sesimbra foi tal que a comparação é caricata por falta de paralelismo».

Falando do futuro, para o qual a Câmara, os outros órgãos autárquicos do concelho e a população estão unidos e preparados, o presidente do Município sesimbrense afirmaria a dado passo:

«Infelizmente, as dificuldades persistirão ainda este ano para Sesimbra porque o PS se juntou ao bloco reacçãoário PPD/CDS ao votar o Orçamento Geral do Estado (OGE). Com a aplicação parcial da Lei das Finanças Locais, Sesimbra

terá 70 mil em vez de 170 mil contos. Tínhamos planeado as actividades na perspectiva da aplicação integral da lei. Teremos certamente este ano um défice de 30 mil contos que teremos no futuro de recuperar».

Entre as conclusões a que o encontro chegou refira-se a da necessidade de uma melhor estrutura de organizações da APU e da realização de encontros do género, a partir das freguesias.

O I Encontro da APU do concelho de Sesimbra, que foi aberto à população, teve na mesa da presidência Carlos Soromenho, João Dionísio e Júlio Pulquério, da Comissão Coordenadora da APU; Ezequiel Lino, Presidente da Câmara; Aurélio de Sousa, Presidente da Assembleia Municipal; Marques Pedrosa, da Comissão Nacional da APU e deputado comunista; e Armando de Castro, da Comissão Nacional da APU e do MDP/CDE.

O encontro aprovou uma saudação ao povo de Sesimbra, «que ao confiar em nós, garante o progresso e a vida democrática do nosso concelho».

• Barreiro vai ter lar para idosos

Os reformados e idosos da vila operária do Barreiro terão brevemente um Lar e Centro de Dia, edifício a construir num terreno já escolhido pela Câmara Municipal. Numa primeira fase, o Lar assegurará apoio e dinamização a diversas iniciativas de convívio, além de refeições, fornecimento de géneros e um serviço de assistência ao domicílio. Na segunda fase ficará completo o Centro de Dia. Na terceira e última fase de construção, os trabalhos incidirão exclusivamente na preparação do último andar do edifício, onde será instalado o internato. Como Centro de Dia, o edifício poderá receber 100 pessoas e como lar cerca de 60.

• Festa da APU no Alto de S. Amaro (Lisboa)...

Por iniciativa da Aliança Povo Unido (APU), o jardim do Alto de S. Amaro, em Lisboa, conheceu no último sábado uma grande jornada de convívio popular, cujo programa incluiu, entre outras actividades, sessões infantis, espectáculos com artistas e conjuntos, bailes e jogos. A intervenção política esteve a cargo de Abílio Martins, membro do CC do PCP.

• ... e em Vale de Água (St. Cacém)

O último sábado foi também dia de festa e de confraternização popular em Vale de Água (S. Domingos-Santiago do Cacém), aonde acorreram cerca de 750 pessoas. Do animado programa organizado pela APU destacamos as provas desportivas (atletismo, gincanas, ciclismo e tiro ao alvo), os espectáculos musicais, o baile com o acordeonista José Candelas (o «Casaca», de Grândola) e a sessão de esclarecimento sobre a situação política e as tarefas da Aliança Povo Unido, em que foi feita uma intervenção pelo deputado comunista Custódio Gíngão.

Faculdade de Economia do Porto: As consequências de uma «reestruturação»

• Um plano de curso orientado para o «chumbo colectivo»

A semelhança do que sucede noutras escolas superiores do país, a Faculdade de Economia do Porto (FEP) fecha este ano lectivo numa situação de degradação alarmante cujas origens se atribuem em grande parte a uma Comissão «reestruturadora» onde «imperava o secretário de Estado do Plano do defuncto Governo Mota Pinto, dr. Conceição Nunes», como salienta em comunicado divulgado há dias a União dos Estudantes Comunistas (UEC).

Saliente-se, em primeiro lugar, que após a segunda época de testes e a maior parte

dos exames finais, apenas um número muito reduzido de alunos obteve nota para passar, sendo também difícil encontrar um estudante daquela escola que tenha concluído todas as cadeiras em que se inscreveu no início do ano.

De acordo com o comunicado da UEC, na disciplina de Matemática Financeira (1.º ano), por exemplo, em 252 estudantes inscritos no 2.º semestre apenas 62 ficaram aprovados. Outros casos: em Micro-Economia (1.º ano), dos 610 candidatos só conseguiram passar 96, ou seja 13,9 por cento; em

Complementos de Matemática (outra disciplina do 1.º ano), registaram-se 120 aprovações entre 640 alunos; na cadeira de Economia Internacional (3.º ano), o exame da 1.ª chamada teve 13 alunos, dos quais só um passou, enquanto que no 2.º semestre apenas 21 dos 250 alunos concorrentes conseguiram aprovação; em Teoria Geral da Contabilidade (3.º ano também) só foram aprovados 100 alunos, dos 600 que se apresentaram.

Numa cadeira do 4.º ano: 1,3% de aprovações

Muitos outros casos poderiam aqui ser referidos.

No entanto, escolhemos apenas mais dois, que não necessitam igualmente quaisquer comentários. Assim, em Contabilidade de Custos — disciplina do 4.º ano — passaram 7 dos 510 alunos inscritos, o que dá uma percentagem de aprovações na ordem de 1,3 por cento...

Segundo o documento dos estudantes comunistas, alguns professores daquela cadeira «provocaram os órgãos de gestão, não cumprindo uma resolução do Conselho Pedagógico e insultando publicamente o Conselho Directivo, órgãos estes que tinham dado razão aos alunos que, espontaneamente, boicotaram o primeiro teste».

O outro exemplo refere-se a uma cadeira do 5.º ano: Gestão de Empresas. Nesta, passaram 52 dos 280 estudantes inscritos...

O «porquê» desta situação: o dedo de Mota Pinto e companhia

A grave situação na Faculdade de Economia do Porto, espelhada nos números que atrás citámos, tem origens bem precisas que a população da escola conhece melhor do que ninguém. A presente ofensiva desestabilizadora contra a FEP teve o seu ponto alto em Janeiro de 1977, quando iniciou as suas funções uma Comissão de Reestruturação que tinha como principal figura o dr. Conceição Nunes, o qual viria a ser chamado por Mota Pinto para ocupar a Secretaria de Estado do Plano.

Entre outras manobras e decisões arbitrárias e antipedagógicas, aquela Comissão alterou o anterior

plano de curso, substituindo-o por um que a UEC define nestas palavras: «Não prepara os alunos para a vida prática, não garante saídas profissionais, sendo, para além disso, desarticulado, monolítico e desajustado da realidade económica portuguesa e é a causa determinante de toda esta situação».

Com a introdução do plano de curso engendrado pela Comissão «reestruturadora», o chamado «chumbo colectivo», sublinha o comunicado dos estudantes comunistas, «passou a ser o dia-a-dia das provas de avaliação desta Faculdade. Começa a caminhar-se, a ritmo acelerado, para uma completa degradação pedagógica».

Propostas para a solução dos problemas

No documento da UEC que temos vindo a citar são apresentadas propostas válidas para a superação do actual estado de degradação estabelecido na FEP. Os estudantes comunistas começam por apontar como medida urgente e absolutamente necessária que os órgãos de gestão mandem instaurar inquéritos às cadeiras com percentagem de notas negativas superior a 50 por cento.

Por outro lado, deverá ser diminuída a escolaridade semanal e abolida a separação entre aulas teóricas e práticas, pelo menos em algumas cadeiras. O actual plano de curso deverá, pois, ser

alterado: «só por si, é uma aberração pedagógica».

Neste sentido, a Assembleia de Representantes da escola chegará a uma conclusão, depois de um amplo debate já iniciado.

Salientando uma justa reivindicação da maioria dos alunos da Faculdade, o comunicado da UEC considera indispensável que o nível de exigência dos testes de avaliação seja compatível com as aulas ministradas, devendo esses mesmos testes constituir uma forma de real avaliação de conhecimentos e não uma pura manobra para chumbar em massa, factor que traz consequências negativas para todas as partes directa ou indirectamente envolvidas pelo ensino da Economia.

Temas vários

O comércio imperialista de armamento factor de instabilidade no mundo

A imprensa noticiou recentemente uma escandalosa venda de armamento português à ditadura de Somoza na Nicarágua, numa negociação que envolveu o governo de Mota Pinto, pois a exportação de material de guerra necessita da autorização do governo — que a deu.

Só em Maio e Junho deste ano o governo de Mota Pinto forneceu ao ex-ditador Somoza material de guerra no valor de dez milhões de dólares, nomeadamente milhões de munições de vários tipos, milhares de granadas de mão, «rockets», minas antipessoal, metralhadoras e bombas de avião. Somoza cobrou uma percentagem pessoal nesta negociação, que ascendia a 30%.

A ditadura de Anastasio Somoza comprou muitos milhares de contos de material bélico a Portugal, fazendo aparecer assim o nosso país associado aos EUA, a Israel, ao Chile e à Argentina no apoio material ao autêntico genocídio que os seus últimos estertores provocaram entre o povo nicaraguense. Já em Outubro do ano passado saíram do aeroporto de Lisboa munições e granadas no valor aproximado de sete mil contos, com destino à Nicarágua; em fins de 1978 foi exportado material de guerra para a Guarda Nacional de Somoza no valor de 30 000 contos, tendo participado, no negócio, como intermediária, uma empresa da Damaia, a Avitextil. Em Junho deste ano a ditadura de Somoza pagou 21 mil contos de material de guerra a outra empresa portuguesa, a Norte Importadora, a qual ocupa um lugar central em todo este processo de apoio de facto à sangrenta ditadura de Somoza.

Os últimos actos desta sinistra história surgem em Junho último, quando o governo das Honduras apreendeu um avião com material bélico proveniente de Lisboa, e em

princípio de Julho, com o aparecimento do misterioso avião na Portela, a carregar importante quantidade de material de guerra.

A produção de armamentos é um dos estilos da economia capitalista e o negócio daí resultante, com a consequente e imprescindível exportação, um dos esteios da política económica imperialista, que não hesita perante nada para alargar os seus «mercados».

A tendência de exportações de armamentos por parte dos países imperialistas é agora como antes crescente. Segundo fontes de informação ocidentais, esta exportação duplicou no período de 1970 a 1975, atingindo um valor anual de 20 até 25 bilhões de dólares e representando, assim, um factor essencial da escalada da corrida aos armamentos.

Este processo tem-se agudizado continuamente nos últimos tempos com os reforçados pedidos de exportação de armamento, dirigidos aos monopólios imperialistas. Acumulam-se assim, até ao fim do ano orçamental de 1976, nos EUA pedidos de exportação de armamentos num valor de 31,8 bilhões de dólares, os quais devem ser satisfeitos até 1983.

O quadro I dá uma esclarecedora imagem dos pedidos de exportação de armamento nos EUA incluídos nos programas estatais de «auxílio militar».

No ano orçamental de 1978/79 (de 1 de Outubro até 30 de Setembro) os EUA, os maiores exportadores de armas do Mundo, previram um novo aumento das suas exportações militares para 13,7 bilhões de dólares. Em 1977 e 78, foram apenas 11,4 bilhões de dólares. A parte de leão vai para as zonas de tensão como o Médio Oriente. Para 1979/80, espera-se uma

nova escalada neste montante orçamental que se elevará presumivelmente a 14,4 bilhões de dólares.

Uma tendência semelhante se verifica em outros países imperialistas. As encomendas de armas para exportação aumentaram por exemplo em França em 16,5 bilhões de francos em 1975 («Les Echos», 22 de Março de 1978). A França ultrapassou já há alguns anos a Grã-Bretanha, como segundo maior exportador de armamentos.

Na mesma posição da Grã-Bretanha encontra-se a República Federal da Alemanha que está a conquistar incessantemente novas parcelas do mercado.

Uma análise das motivações principais das crescentes exportações de armamento por parte dos Estados imperialistas demonstra, em primeiro lugar, interesses bem claros dos monopólios no lucro, entre eles muitas multinacionais, que ganham com a corrida aos armamentos. (vd. quadro II)

Monopólios: a força motriz da exportação de armamentos

O interesse dos monopólios imperialistas na produção e exportação de armamentos fundamenta-se sobretudo nas condições favoráveis criadas pelos países capitalistas, que asseguram aos respectivos consórcios lucros muito mais altos do que em outros ramos da economia. Tom Jones, presidente da Northrop Corp. de Los Angeles e um dos maiores exportadores dos EUA afirmou, segundo o «Mewsweek» de 31 de Janeiro de 1977, que «uma empresa do ramo da indústria de defesa que trabalhe com criatividade pode obter um

lucro mais elevado do que a maioria das outras» (a Northrop deu dividendos de mais de 14 por cento...).

A internacionalização da produção imperialista de armamento e os seus representantes principais — os monopólios internacionais — afirmam-se cada vez mais como significativas forças impulsionadoras do aumento das exportações de armamento. Considerando os 500 maiores monopólios internacionais, contam-se entre eles 152 consórcios dos EUA que dispõem de licença para a produção e a exportação de armas. Dessas sociedades, 32 pertencem, segundo o chamado relatório RIO apresentado ao «Club of Rome», ao grupo das 50 maiores empresas desse anuário militar internacional.

O exame das listas anuais, elaboradas em pormenor pelo Instituto de Investigação para a Paz de Estocolmo (SIPRI), demonstra claramente que os principais exportadores de armamento são quase sempre os maiores monopólios armamentistas dos principais países imperialistas, enquadrados, na esmagadora maioria dos casos, nos monopólios multinacionais. (Vd. quadro II).

A RFA à conquista dos mercados de armamento

Os monopólios armamentistas da RFA aumentaram significativamente, sobretudo nos últimos tempos, as suas actividades para o fortalecimento das suas posições no comércio internacional de armamento, de acordo com a tendência existente na NATO que visa reforçar o armamento. O órgão «Wirtschaftswoche» («Semana da Economia») da RFA publicou há pouco a lista seguinte relativa às exportações imperialistas de armamento, para o ano de 1977 (quadro III).

Quanto às exportações de armamento da RFA, no valor de 2 bilhões de marcos, trata-se, segundo a «Wirtschaftswoche», apenas dos fornecimentos directos do armamento. O valor de outra mercadoria armamentista não faz parte dessas cifras. De acordo com outras publicações da RFA, a inclusão dessas mercadorias armamentistas iria «provavelmente duplicar no mínimo» esses dados numéricos. Isso inclui «ajudas, equipamentos para a produção de armas (uma especialidade da República Federal), motores para navios e outros equipamentos para navios de guerra, peças para equipamentos electrónicos e meios de transporte militares (aviões, camiões militares)». (Unserer Zeit, Düsseldorf, 6 de Dezembro de 1978).

Os representantes dos monopólios e outras forças do complexo industrial-militar da RFA têm vindo a exigir, nos últimos tempos cada vez mais abertamente, a abolição das limitações nas exportações de armamento ainda legitimamente existentes. As suas exigências dirigem-se tanto contra a decisão do governo, tomada em 1971 sob a pressão da opinião pública que proíbe a exportação de armas para as zonas de tensão e para Estados não membros da NATO, como também contra o parágrafo 4.º da lei sobre o controlo de armas de guerra, votado somente no dia 1 de Julho de 1978 no Parlamento Federal da RFA, o qual prevê uma autorização obrigatória por parte do governo federal no caso de transacção de armas de guerra que se encontrem no estrangeiro.

Na verdade, os monopólios armamentistas da RFA vêm iludindo desde há anos as limitações existentes às exportações de armamento por meio de «concessão de licenças, coprodução e exportação por reprodução».

Todavia, actualmente, o «lobby» de armamento e os políticos, sobretudo da fileira da CDU/CSU, fazem uma campanha contra essas determinações legais. De acordo com a revista «Wirtschaftswoche», circular já um projecto de lei nos círculos dos monopólios armamentistas, redigido por Fritz Wittmann, deputado do CSU no «Bundestag». Acrescenta ainda a mencionada revista: «Com a redacção nova do parágrafo 4.º da lei para o controlo de armas de guerra, a União Cristã quer eliminar exactamente o empecilho que, desde 1 de Junho deste ano, põe limites severos ao esforço da expansão dos fundidores de armas alemães e das empresas de distribuição de equipamento militar».

Os navios de guerra, dos quais foram já entregues cerca de 80, ocupam o primeiro lugar nas listas de exportação dos consórcios da RFA. Além disso, saíram para Estados não europeus 600 tanques do tipo «Marder», mais de 100 tanques de combate «Lopard», assim como helicópteros «BO 105». A RFA participa em medida crescente no fortalecimento do poder da junta militar chilena que recebeu, além de outro armamento, 3000 foguetes anti-tanques, 840 espingardas automáticas, 500 armas de fogo rápido do tipo «HK 33» e cerca de um milhão de marcos em peças sobressalentes e munições.

As exportações de armamento agravam os focos de tensão

Além do motivo económico principal em qualquer exportação capitalista de capital e mercadorias — a realização de um lucro o mais elevado possível — há acima de

tudo uma série de motivos político-estratégicos dos exportadores de armamentos imperialistas.

Os políticos de países imperialistas nunca ocultaram que as exportações de armas, o fornecimento de outras mercadorias armamentistas e a «ajuda militar» são um «elemento fundamental» da sua política externa — como expressamente declarou Kissinger. Depois de anunciar uma «nova política de exportação de armamentos» em Julho de 1977, numa informação feita ao Congresso dos EUA, o presidente Carter declarou que a tendência geral dos Estados Unidos é de aproveitar a continuação do fornecimento de armas como um dos instrumentos mais importantes da política externa.

Objectivos semelhantes são prosseguidos pela RFA com a sua «ajuda militar» a 30 países.

Os principais países imperialistas — e é exactamente esta a tendência decisivamente adversa ao desanuviamento — estão, a reforçar sobretudo a exportação de armamentos para regiões de tensão, apresentando essa política agressiva como «política de equilíbrio e controlo». Neste sentido, por exemplo, o ex-ministro de Defesa e depois da Energia dos EUA, Schlesinger, exigiu da Europa dos EUA, numa entrevista concedida à Rádio do Sarre (RFA) em 11 de Outubro de 1978, um maior reforço para a «manutenção do equilíbrio no Médio Oriente».

Realmente, o Médio Oriente pode servir como exemplo típico do papel perigoso de exportações de armamento imperialistas. Depois que os fornecimentos de materiais de guerra por parte dos EUA e de outros países imperialistas tornaram possíveis as aventuras agressivas israelitas contra os seus vizinhos árabes, houve uma nova orientação; agora também o Egipto e alguns outros países árabes são fornecidos com mercadorias armamentistas para apoiar o materialmente a «solução para a paz» em separado, dirigida contra as forças progressistas da zona árabe e especialmente contra os direitos do povo palestino.

O típico de tal situação está, dentro deste contexto, no amplo comércio com armas por parte do governo dos EUA em 1978 para, segundo se diz, se assegurar o «equilíbrio militar» e se ter a possibilidade de um «melhor controlo dessa zona de tensão», como, aliás, o governo dos EUA procura justificar esse tratado. O jornal francês «Le Monde», de 21 de Junho de 1978, escreveu da forma bem elucidativa que «a questão essencial é que esses fornecimentos visam contribuir para a desestabilização da situação nessa região a longo prazo».

Uma das contribuições mais interessantes para a compreensão deste problema é dada pela tabela do quadro III sobre os destinatários principais das exportações de armamentos dos EUA.

Os dados subsequentes do Departamento de Estado dos EUA do fim de Agosto de 1978 não apresentam modificações essenciais. Segundo esses dados, a Arábia Saudita recebeu armas e equipamento militar num valor de 4,9 bilhões de dólares e o Irão de 2,6 bilhões de dólares. Seguem-se Israel, o Egipto e a Coreia do Sul. Como foi averiguado pelo SIPRI — Instituto de Estocolmo, de 1970 até 1976, foram, só para o Irão, 30 por cento de todas as importações de armas do Médio Oriente, região com as maiores importações de armas, e 17 por cento para Israel. Em 1977/1978, as maiores encomendas cobriram a Arábia Saudita.

Segundo publicações do «Münchener Merkur» (RFA), de 24 de Abril de 1978, a Arábia Saudita recebeu, já em 1976, armas num valor de 10 bilhões de dólares de monopólios imperialistas de armamentos. Até 1980, esse valor deve aumentar até 40 bilhões de dólares. Conforme foi noticiado pela «US News & World Report» de 17 de Abril de 1978, a arma de Engenharia do Exército dos EUA realiza um programa gigantesco de construções militares na Arábia Saudita calculado em 17 bilhões de dólares.

Esta tendência armamentista de determinados países, forçada pelo imperialismo, levou, por exemplo, além do mais, a que o Irão, sob a ditadura do xá, aumentasse, de

1957 até 1977, 22 vezes os seus gastos que atingiram um valor de 4,636 bilhões de dólares. Também Israel elevou em 20 vezes os seus gastos num total de 2,496 bilhões de dólares e o orçamento da Arábia Saudita, desde 1967 até 1977, aumentou 5 vezes, o que corresponde a 3,342 bilhões de dólares. (SIPRI — Yearbook 1978)

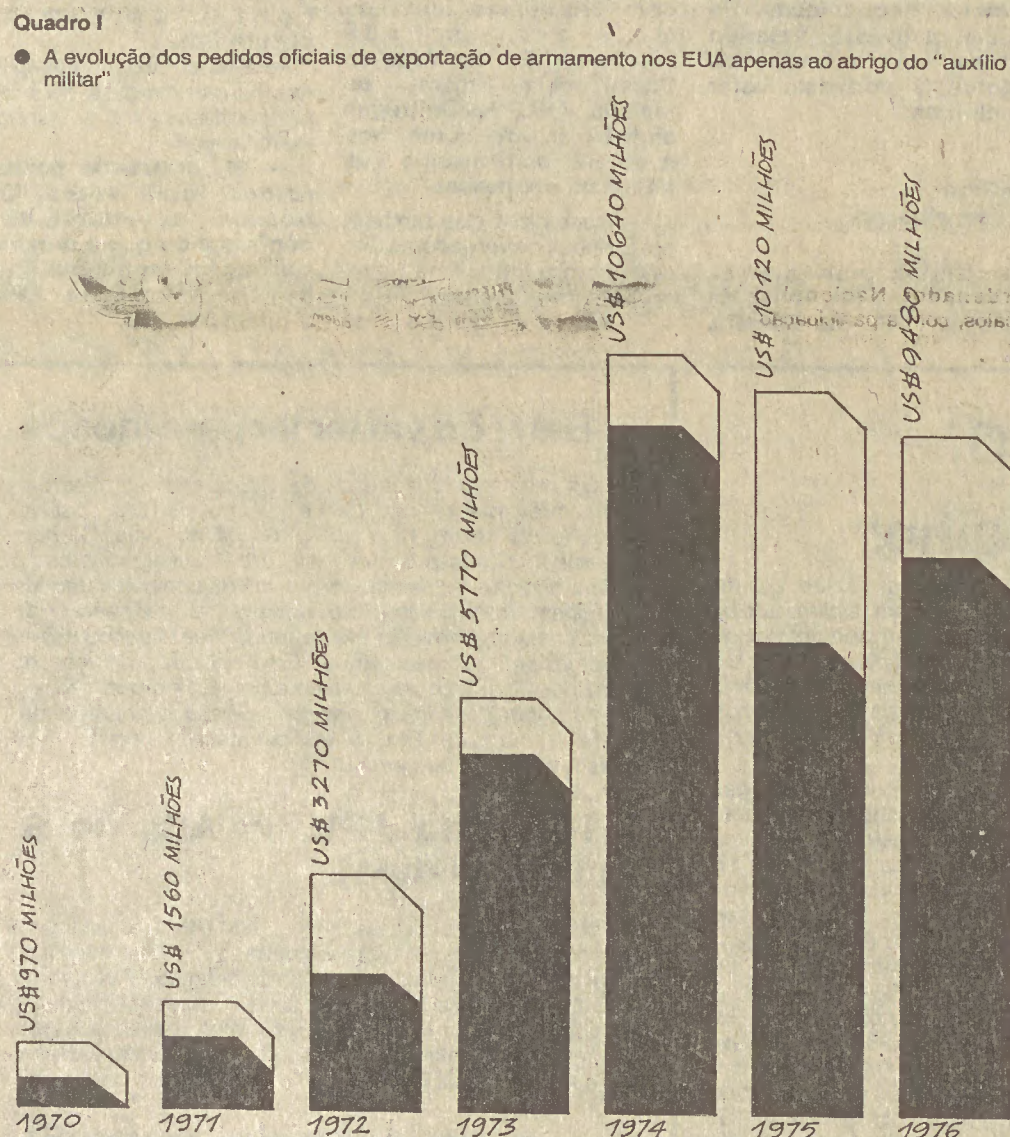
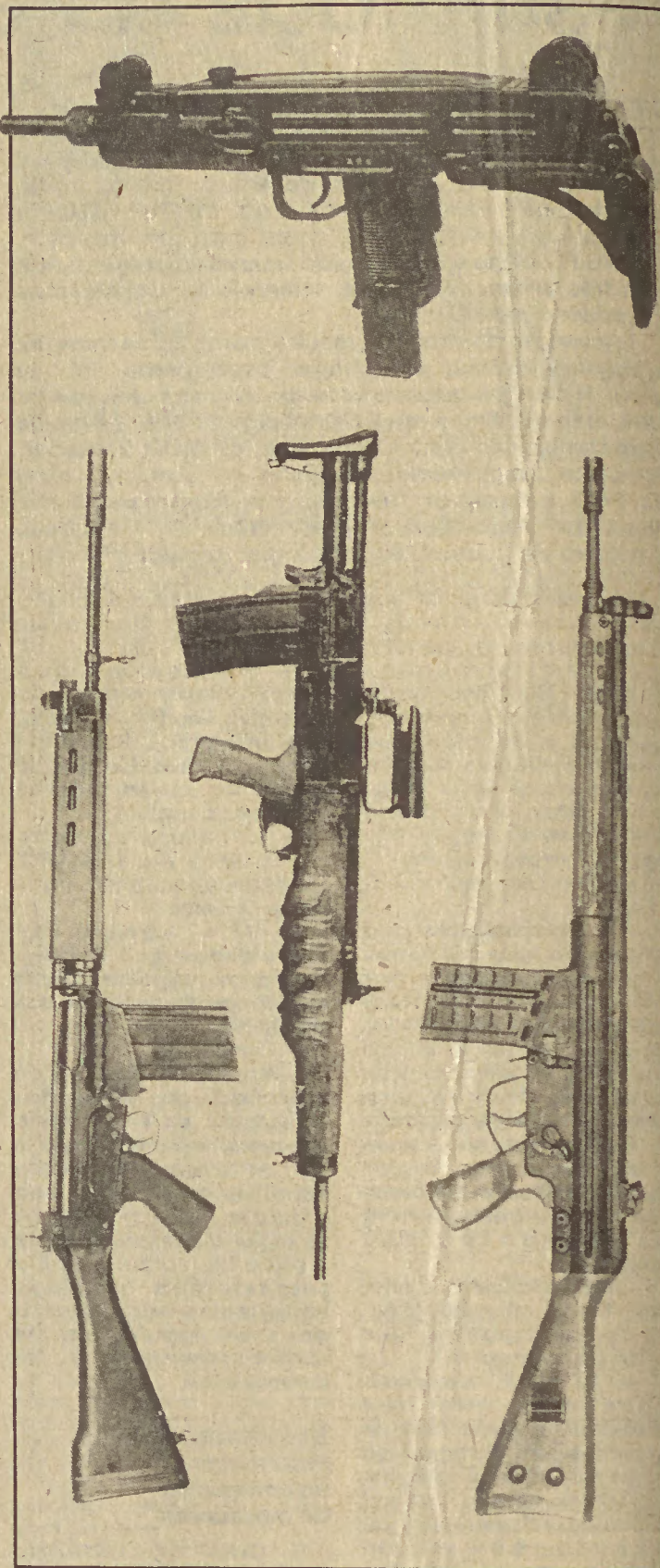
Alargamento da corrida aos armamentos a novas regiões

Um dos aspectos do crescimento gigantesco das exportações imperialistas de armamento, atentamente seguido pela opinião internacional, é o do aumento, daí resultante, da corrida aos armamentos em novas regiões do globo. Assim, os consórcios empenham-se em vender sobretudo novos e, consequentemente, caros sistemas de armas.

Também neste contexto, o Médio Oriente merece a nossa atenção. Assim, no âmbito dos contratos dos EUA com Israel, o Egipto e a Arábia Saudita, estão previstos fornecimentos de 75 aviões de combate do tipo F-15, pelo Consórcio McDonnell Douglas, para Israel; de 60 aviões F-15 para a Arábia Saudita e 50 aviões F-5, pelo consórcio Northrop, para o Egipto. O valor total dessas encomendas está avaliado em 4,8 bilhões de dólares. O consórcio Litton (também dos EUA) acordou com a Arábia Saudita a construção de um moderno sistema da defesa anti-aérea num valor de 1,5 bilhões de dólares.

Também a RFA participa, de forma crescente, no comércio de armas nesta região. No início de 1978, o estaleiro HDW — Werft (Howaldtswerke — Deutsche Werft AG), celebrou um contrato com o Irão para o fornecimento de 6 submarinos do tipo 209 num valor de 1,2 bilhões de marcos. Um outro pedido prevê o fornecimento, numa primeira remessa, de 4 fragatas do tipo F-122 do mesmo valor.

O regime de apartheid da África do Sul continua a receber, em flagrante violação das sanções



A negro assinala-se a percentagem de armamento destinado a países não-capitalistas desenvolvidos, sobretudo em zonas de tensão.

(Fonte: "Instand Research on Peace and Violence", Tampere, 3-4/-1977, p. 146)

Quadro II

Os principais monopólios exportadores de armamento

EUA

McDonnell Douglas Corp. (aviões)
 Lockheed Aircraft Corp. (aviões, foguetões)
 Northrop Corp. (aviões)
 General Dynamics Corp. (aviões, foguetões)
 United Technologies Corp. (helicópteros, mecanismos de accionamento de aviões)
 Grumman Corp. (aviões)
 Hughes Aircraft Co. (foguetões)
 Boeing Co. (aviões, helicópteros)
 Textron, Inc. (helicópteros)
 Ling Temco Vought Corp. (aviões, foguetões)
 Raytheon Co. (foguetões)
 General Electric Co. (electrónica)
 Foot Machinery Corp. (carros blindados)
 Chrysler Corp. (tanques)
 Ford Motor Co. (carros blindados, canhões)
 Litton Industries, Inc. (navios)

Grã-Bretanha

British Aerospace Corp. (aviões, foguetões)
 Westland Helicopters Ltd. (helicópteros)
 Royal Ordnance Factories (tanques, carros blindados)
 Vickers Ltd. (tanques, carros blindados)
 Alvis Ltd. (tanques)
 British Leyland Motor Co. Ltd. (tanques)
 Vosper Thornycroft Ltd. (navios)
 Short Bros. & Harland Ltd. (foguetões)
 Fairey Co. Ltd. (veículos, navios)

França

Avions Marcel Dassault-Brequet Aviation (aviões)
 SNIAS S.A. (foguetões, helicópteros)
 Giat (Groupe Industriel des Armements Terrestres) (tanques, carros blindados)
 Engins Matra S.A. (foguetões)
 Constructions Mécaniques de Normandie (navios)
 Thompson-CSF (foguetões)
 Creusot-Loire S.A. (tanques)
 Creusot-Loire S.A. (tanques)
 Constructions Mécaniques Panhard et Lavassor S.A. (carros blindados)

(Fontes: SIPRI-Yearbook 1976, p. 202 ss., SIPRI-Yearbook 1978, p. 258 ss.)

Quadro III

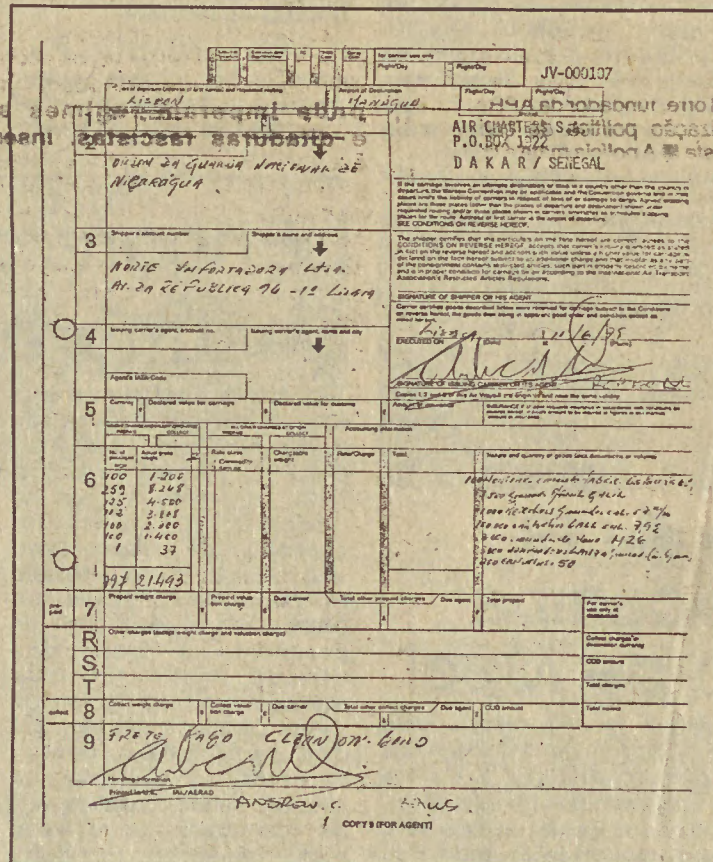
Destino das principais exportações de armamento americano (incluindo «auxílio militar» oficial e vendas directas das empresas).

	1973/1974
Irão	3 800 milhões de dólares
Israel	2 100 milhões de dólares
Grécia	435 milhões de dólares
RFA	219 milhões de dólares
Coreia do Sul	81 milhões de dólares
Formosa	68 milhões de dólares
Chile	68 milhões de dólares

1975/1976

Arábia Saudita	2 503 milhões de dólares
Irão	1 302 milhões de dólares
Israel	920 milhões de dólares
Coreia do Sul	625 milhões de dólares
Jordânia	436 milhões de dólares
Austrália	412 milhões de dólares
RFA	194 milhões de dólares
Formosana	193 milhões de dólares

(Fontes: "U.S. News & World Report", Washington, 13 de Janeiro de 1975, "Newsweek", New York, 6 de Setembro de 1976)



Westland, de aviões de combate terrestre tipo «Alpha Jet», dos consórcios Dassault, e Dornier (RFA) e de foguetões anti-tanques do tipo «Swingfire» do consórcio estatal britânico BAC (British Aerospace Corp.).

Também os fornecimentos de armas e a construção de potenciais armamentistas são uma expressão nítida da política imperialista de chantagem. Em vez das aspiradas autonomia e independência, acentua-se a dependência perante os Estados imperialistas e os monopólios armamentistas. A esta conclusão chegou também o anuário do SIPRI relativo a 1978, segundo o qual aqueles países que ambicionam uma produção armamentista independente «nunca podem prescindir da importação de determinadas peças de electrónica avançada para os mecanismos de accionamento e outros tipos de armas».

Comprova-se que as crescentes importações armamentistas imperialistas são inequivocamente ditadas pela mira do lucro dos monopólios multinacionais, assim como pela política dos principais Estados imperialistas, os quais visam ampliar a sua influência política e económica sobre outros países, sobretudo em África, Ásia e também no Médio Oriente. Isto não é só uma violação das correspondentes decisões da ONU, mas também constitui um perigo imediato para a paz e a segurança de muitos povos e de várias regiões, contribuindo directamente para o reforço da corrida armamentista.

As afirmações dos governos imperialistas e dos seus órgãos de propaganda de que a exportação de armas é um elemento da «manutenção do equilíbrio de forças» e da «estabilização da situação» em zonas de tensão internacional é refutada inequivocamente pelos factos históricos. Sobre o Médio Oriente é exemplo flagrante da política do imperialismo que consiste em alimentar as tensões mediante exportações armamentistas e em incitar os povos uns contra os outros, favorecendo a manutenção do domínio imperialista e da exploração neocolonialista.

Nos próprios países imperialistas cresce a frente dos adversários da exportação armamentista perigosa para a paz. Assim, ex. o presidente do influente sindicato «Metal» da RFA, Eugen Loderer, expressou-se energeticamente numa entrevista ao jornal da RFA, «Wirtschaftswoche», de 8 de Dezembro de 1978, contra um aumento das exportações armamentistas da RFA, exigindo simultaneamente que «os gastos para armamentos sejam reduzidos dentro de uma política consequente de desanuviamento». O armamento não seria um «meio para assegurar os postos de trabalho» e «muito menos um meio para criar postos de trabalho adicionais», sublinhou Loderer.

Um mundo de paz e de desanuviamento é, hoje em dia, impensável sem a limitação da venda e do fornecimento de armas convencionais. Por isso, a luta contra a exportação de armamentos toma-se cada vez mais um elemento imprescindível na luta mundial das forças pela paz e contra a guerra, pelo desarmamento e desanuviamento.

Semana

1
Quarta-feira

1919 - É afogada em sangue a República Socialista Federativa Soviética Húngara, fundada meses antes, a 24 de Março.



M. Boucetta

Começa em Lusaka, capital da Zâmbia, a 22.ª cimeira da Comunidade Britânica (Commonwealth) com um discurso inaugural do presidente Kaunda energicamente anti-racista e antipartidário. O Vietnã acusa as tropas chinesas de terem bombardeado e atacado aldeias fronteiriças vietnamitas, matando várias pessoas e causando danos materiais. O primeiro-ministro italiano indigitado, Filippo Pandolfi, renuncia a formar governo, que pertencia a assentamento numa coligação entre repubblicanos e social-democratas, devido à recusa dos socialistas em aprovar tal governo. O secretário de Estado espanhol para a Informação declara que o governo prevê a intensificação da luta armada da ETA visando opor-se ao referendo sobre o estatuto basco, a realizar em Outubro. É noticiado que o primeiro-ministro da Mauritânia, Mohamed Haidalla, declarou ontem que o seu país decidira retirar-se da "guerra do deserto" que tem oposto tropas de Marrocos e da Mauritânia à guerrilha da Frente Polisário, e hoje o ministro dos NE de Marrocos, Mohamed Boucetta, afirma que o seu país continuará a combater os guerrilheiros da Frente Polisário. Paralisam cerca de dez mil estivadores na Austrália, encerrando os 41 portos do país.

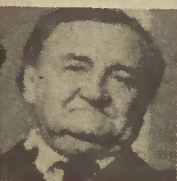
2
Quinta-feira

1891 - É fundado o Partido Marxista Búlgaro; em Maio de 1919, em Congresso, adopta a designação de Partido Comunista Búlgaro.

Guerrilheiros da Frente Patriótica desencadeiam um bombardeamento com foguetes contra a cidade de Fort Victoria, na Rodésia-Zimbábue; o ataque danificou dois prédios nos subúrbios, um dos quais ardeu completamente, não tendo sido referidas vítimas. Tala Naji, membro do Comité Executivo da OLP, afirma que os EUA começaram já a dialogar com a Organização de Libertação da Palestina, utilizando nomeadamente como intermediários alguns países europeus. O Parlamento tailandês, numa sessão conjunta, repele o decreto promulgado pouco depois do golpe militar de 1976 e que autorizava a polícia a prender sem julgamento pessoas consideradas "perigosas para a sociedade". Inicia-se a Reforma Agrária na Nicarágua com a entrega aos camponeses dos primeiros onze mil hectares de terra, que pertenciam a Somoza e seus colaboradores. Na sequência de várias lutas laborais, a cidade de Belo Horizonte, no Brasil, está a ser patrulhada por 15 000 polícias e soldados armados, numa acção sem precedentes nos últimos 28 anos de vida da cidade, que é a terceira maior do país. A ala político-militar da organização separatista basca "ETA" anuncia que vai pôr termo à sua ofensiva bonista. O democrata cristão Francisco Cossiga, antigo ministro do Interior que se notabilizou por uma exorbitante firmeza em relação aos raptores de Aldo Moro, é oficialmente nomeado o quarto primeiro-ministro indigitado nestes últimos dois meses, para formar governo em Itália. São mortas cinco pessoas, entre as quais uma criança de nove anos, durante recontros com a polícia no primeiro dia de greve de 48 horas dos motoristas dos autocarros dominicanos, que protestavam contra o aumento dos preços da gasolina.

3
Sexta-feira

1959 - Massacre no país de Pídiqiti, em Bissau; dois anos depois, em 1961, iniciava-se a luta armada de libertação do povo da Guiné-Bissau.



Hayda de La Torre

Os iranianos vão às urnas para eleger um conselho que aprovará uma nova Constituição, islâmica. Morre, com 84 anos, o veterano dirigente político peruano, Víctor Haya de la Torre, fundador da APRA, organização política de cariz populista. A polícia mata a tiro seis camponeses numa herdeira cooperativa rural no nordeste do Peru. Comandos sionistas entram furtivamente em território sob fiscalização das Nações Unidas para atacar dois acampamentos palestinos na região do monte Hermon, no sul do Líbano. Usando da palavra na cimeira da Commonwealth, a decorrer em Lusaka, o presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, adverte o governo britânico de que o levantamento das sanções aos racistas rodésianos prolongaria a guerra, torná-la mais racista e internacionalizada. O Vietnã acusa os EUA de instigarem a saída ilegal de vietnamitas através da colocação de navios da 7.ª Esquadra no mar da China o que, segundo um comunicado do ministério dos NE vietnamita, constitui uma exibição de força e destina-se a aumentar a tensão no Sueste Asiático e a ameaçar a paz na região. A polícia boliviana mata duas pessoas e fere mais de 20, no norte de La Paz, durante a greve geral decretada pela Central Operária Boliviana como protesto contra as fraudes cometidas na contagem dos votos da recente eleição geral.

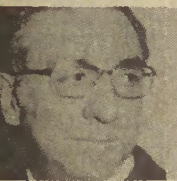
4
Sábado

1875 - Morre Hans Christian Andersen, poeta e romancista dinamarquês, autor de famosos contos infantis.

O presidente italiano Sandro Pertini anuncia que renunciaria ao seu cargo se o primeiro-ministro indigitado, Francesco Cossiga, fracassasse na tentativa de formar novo governo. A Frente Polisário e a Mauritânia iniciam conversações sobre a retirada das tropas mauritanas do território que ocupam. Robert Price, presidente do Comité Norte-Americano para a Paz, denuncia a formação de um exército de mercenários para atacar o novo regime nicaraguense, caso este se "incline" para uma democracia de esquerda; segundo Price, os EUA recusaram 3000 apátridas de origem cubana para atacar a Junta de Reconstrução da Nicarágua.

5
Domingo

1963 - Os ministros dos NE da URSS, dos EUA e da Grã-Bretanha assinam um tratado que proíbe os ensaios de armas nucleares na atmosfera, no espaço cósmico e sob a água.



F. Cossiga

A polícia do Afeganistão neutraliza uma tentativa de provocação de distúrbios na capital do país; o governo de Kabul denunciou recentemente uma campanha subversiva contra o Afeganistão, na qual estavam envolvidos os EUA, Paquistão, China e Egipto. O democrata-cristão Francesco Cossiga presta juramento como primeiro-ministro do 38.º governo italiano do pós-guerra, enfrentando apenas a oposição expressa do PCI. O Congresso boliviano considera a hipótese de nomeação de um presidente provisório, após não ter conseguido em três escrutínios sucessivos escolher um dos dois candidatos mais votados nas eleições de Julho.

6
Segunda-feira

1660 - Morre o pintor espanhol Velasquez.

O Congresso boliviano elege o presidente do Senado, Walter Guevara Arce, chefe de Estado provisório, tendo a Junta Militar, chefiada pelo general Padilla, dado o seu assentimento à decisão. Israel, que reinicia conversações com os seus parceiros de "paz" Egipto e EUA, anuncia que "nunca" negociará com a Organização de Libertação da Palestina. A Mauritânia assina um acordo de paz com a Frente Polisário e renuncia formalmente à parte do Sara Ocidental que administrava desde 1976, altura da retirada espanhola do território.

7
Terça-feira

1869 - Abre em Eisenach o Congresso de fundação do Partido Social-Democrata Alemão.

Os dirigentes religiosos muçulmanos e os conservadores islâmicos rejeitam pelo menos 60 dos 73 lugares da Assembleia de peritos que irá elaborar e ratificar a nova Constituição iraniania. Termina a cimeira da Commonwealth, em Lusaka, tendo o governo britânico, chefiado pela conservadora Margaret Thatcher recuado substancialmente nas suas posições face à Rodésia. Catorze prisioneiros bascos são transferidos da prisão central de Soria, em Castela, para as prisões de Euzkadi (País Basco).

Reafirmada em Lusaka a força do movimento de libertação

A luta de libertação nacional impõe-se como um dado determinante no contexto geral do continente africano. Um dado que não pode ser ignorado pelo imperialismo nos seus planos neocolonialistas. Esta a conclusão mais evidente do decurso dos trabalhos da conferência cimeira da Comunidade Britânica, em Lusaka.

Foi tema central da conferência de Lusaka a questão da Rodésia — que à partida se esperava, justamente, constituir também fulcro de conflitos. Pese embora a heterogeneidade dos regimes dos países africanos presentes, as posições foram, desde o início, claramente definidas: como aliás na OUA, o cunho anti-imperialista e anticolonialista imperante no continente impôs-se. O apelo dos países africanos à Frente Patriótica do Zimbábue foi bem explícito pela presença de Joshua Nkomo, co-presidente desta organização de libertação, na mesma tribuna da conservadora Margaret Thatcher, que defende a indefensável teoria de que a Rodésia caminha para a democratização da sua vida política, tentando assim «justificar» um futuro levantamento das sanções económicas ao regime racista de Smith, hoje mascarado de «multirracial» pela presença do fantoche Muzorewa. A esta clara posição soma-se a decisão do governo nigeriano de nacionalização da companhia petrolífera «British Petroleum» (BP), na base dos fornecimentos de petróleo à África do Sul, por parte do governo britânico, petróleo posteriormente encaminhado para a Rodésia (em duas múltiplas formas utilizadas para romper de facto o bloqueio económico determinado pelas Nações Unidas).

Neste contexto verificou-se um recuo nas posições que têm vindo a ser assumidas pelo novo governo conservador britânico e se inseriram mesmo na própria campanha eleitoral. Margaret Thatcher reconheceu em Lusaka a necessidade de realização de novas eleições na Rodésia, assim como a necessidade de alteração da constituição racista em vigor, tendo sido criada, na sequência de contactos com países africanos membros da Comunidade Britânica (Commonwealth), uma comissão constituída pela Tanzânia, Zâmbia, Nigéria, Austrália, Jamaica e Grã-Bretanha que elaborou um plano que inclui um cessar-fogo e realização de eleições fiscalizadas. Um recuo táctico, sem dúvida — inevitável face à ameaça pendente de medidas que poderiam ir até à expulsão da Grã-Bretanha da Comunidade Britânica — que reflecte a determinação anticolonialista dos países africanos, uma correlação de forças no continente (apesar da persistência de vários regimes profundamente reaccionários) francamente favorável ao movimento de libertação; e limita de facto a capacidade de manobra do imperialismo no continente.

No fim do mês de Julho, o Senado e a Câmara dos Representantes dos EUA puseram-se de acordo quanto a um texto comum que poderia permitir a Carter levantar as sanções económicas ao governo racista da Rodésia.

Os canais do auxílio económico e militar do mundo capitalista a Salisbury, apesar de dia a dia mais dificultados, mantêm ainda a capacidade suficiente para, por exemplo, terem permitido a duplicação da capacidade da Força Aérea rodésiana, que dispõe actualmente de 154 aviões de combate. Estes são dados concretos a que há que acrescentar que, sem qualquer dúvida, vão prosseguir todos os esforços tendentes a impor uma pseudo-solução para a questão da Rodésia, de que salam tão inculmáveis quanto possível os interesses do capital neste país. Como afirmou o presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, em Lusaka, uma constituição verdadeiramente democrática para o Zimbábue «exclui o controlo da comunidade minoritária sobre os serviços públicos, a Polícia e as Forças Armadas e a economia» — em resumo, o controlo das alavancas do poder que, entretanto, os colonialistas tudo farão para continuar



Os regimes racistas da Rodésia e da África do Sul assentam na repressão interna e nas agressões aos países limítrofes. Smith é responsável pelo massacre de muitas centenas de pessoas

Futuro da América Latina constroí-se também na Nicarágua

O movimento revolucionário que se vive e define na Nicarágua não pode ser desligado do ascenso geral das lutas de trabalhadores em toda a América Latina, nomeadamente onde imperam regimes abertamente reaccionários e ditaduras fascistas. Insere-se profundamente nesse ascenso de luta popular, antifascista e anti-imperialista. Cria, por outro lado, ao concretizar um novo rumo num país ainda há pouco submetido a uma feroz e sangrenta ditadura, novas condições, premissas mais favoráveis a esse mesmo ascenso de luta. Pela força empolgante do seu exemplo, pelo novo equilíbrio de forças criado, a queda de Somoza terá — está já a ter — consequências positivas por todo o continente.

Enquanto, segundo denuncia o presidente do Comité norte-americano para a Paz, se forma nos EUA um exército de mercenários destinado a actuar contra o novo regime da Nicarágua, e os milhares de membros armados da ex-Guarda Nacional de Somoza, concentrados nas Honduras, constituem uma permanente ameaça potencial e uma fonte de provocações, passos importantes são dados na Nicarágua para a concretização de uma nova situação, no esforço de superar os gravíssimos problemas com que depara um país onde, sobre a exploração imposta pelos Somoza — que, em duas gerações, transferiram para o estrangeiro 1000 milhões de dólares em bens e meios financeiros — recaíram as destruições da guerra, que arruinaram 80% das empresas e deixaram sem tecto 700 mil pessoas.

A expropriação de todos os bens e terras da família Somoza seguiu-se à nacionalização da Banca. As câmaras de Comércio, Indústria e Construção começaram a inspecionar as fábricas e empresas para estudarem as formas de as repor rapidamente em funcionamento. Foi entretanto constituído o comando unificado do Exército Popular Sandinista. Actualmente dá-se os primeiros passos na Reforma Agrária. As terras expropriadas de Somoza, que constituem 60% do total de terra arável do país, estão a ser distribuídas pelos camponeses em regime de propriedade colectiva. Este um primeiro passo numa medida fundamental que visa também enfrentar o grave problema da fome que atinge já mais de um milhão de pessoas.

1978 e 1979 estão marcados pelo claro ascenso das lutas dos trabalhadores no continente não só por objectivos económicos como

por reivindicações claramente políticas. Hoje um novo impulso se impõe a esse movimento.

No Brasil há um claro reforço do movimento operário, com especial incidência no grande centro operário que é São Paulo, onde o terceiro Congresso dos metalúrgicos de S. Bernardo do Campo (no Estado de S. Paulo), abordou a questão da criação da central sindical dos trabalhadores. Entretanto, na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, sucedem-se movimentos grevistas que acabam os condutores dos camiões-tanques (para abastecimento de gasolina), os professores do ensino oficial, os 8000 operários da construção civil. A resposta do governo — a repressão — faz-se uma vez mais sentida, com a ocupação militar de Belo Horizonte.

A continuada luta das forças democráticas brasileiras frutificou para já uma amnistia aos presos políticos, ainda que incompleta, que permitirá o regresso ao Brasil do secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Luis Carlos Prestes, mantendo embora a ilegalização do Partido Comunista sob o pretexto de «perigos ditatoriais».

Em ditaduras fascistas como as que dominam no Chile e no Uruguai, manifestam-se simultaneamente sinais de divisão entre as forças detentoras do poder e de crescimento da acção

das massas trabalhadoras. Em Março último, no Chile, realizou-se uma sessão ampliada do Centro Coordenador Nacional dos sindicatos, com a participação de cerca de 400 dirigentes das organizações sindicais de base de Santiago e outras regiões do país, onde se definiu um programa de luta em que se exige «por fim às perseguições aos dirigentes sindicais e às liberdades, e revogar as leis que as espezinham». No Uruguai, como reflexo da queda de Somoza, esboçam-se conflitos no seio do poder ditatorial. Meios influentes da burguesia local começam a exigir a «liberalização» da «vida política», tentando claramente antecipar-se a um reforço acentuado do movimento popular.

Na América Central e Caríbea, verifica-se também um afastamento dos parâmetros impostos pelo imperialismo. Em Março do ano passado Granada surgiu como o primeiro governo nas Caraíbas Orientais a declarar o socialismo como meta. Seguiu-se-lhe a queda de governos pró-imperialistas em Dominica e Santa Lúcia. Em São Salvador, país vizinho da Nicarágua, onde neste momento, as forças repressivas contam com um elemento por cada 20 habitantes do país, vive-se simultaneamente uma crise económica e política, que passa pelas divisões no seio da burguesia entre fascistas e «liberais» e pelo indispensável

recurso da unidade da esquerda, como foi realçado no VII Congresso do Partido Comunista de Salvador. Na Costa Rica, país governado desde as eleições de 78 por um bloco de partidos de orientação social-democrata, os acontecimentos na Nicarágua exigiram do governo posições claras anti-imperialistas que criam condições favoráveis à luta das forças de esquerda, agrupadas na coligação «Povo Unido», de que o número de votos significativamente duplicou nas últimas eleições.

No contexto da situação geral da América Latina, a evolução da situação política na Bolívia assume aspectos significativos. Pelo peso das forças de esquerda. Pelos esforços desenvolvidos sistematicamente pela burguesia dos diversos quadrantes políticos para neutralizar, a nível de poder, tal peso. Assim, a última vitória eleitoral da coligação de esquerda — a FUDP — não se está a traduzir, na prática, nem ao nível

de lugares no Congresso (46, enquanto o Movimento Nacional Revolucionário, de Estenssoro, de centro direita, conseguiu, com menos votos, 68 lugares), nem no que respeita à escolha de um presidente da República. Enquanto, por convocação da Central Operária Boliviana, os trabalhadores se manifestaram contra as fraudes eleitorais e pela legítima escolha de Suazo, candidato da FUDP, para a presidência (enfrentando uma violenta repressão), sucessivos escrutínios levaram para já a uma situação de impasse, só favorável à extrema-direita que, reunida em torno de Banzer, conta com vasto apoio da burguesia.

No equilíbrio geral das forças no continente, delinea-se de forma clara o recuo do fascismo, o ascenso do movimento popular. Uma orientação que não se começou a definir agora, mas a que a nova situação criada com o fim do fascismo na Nicarágua dará sem dúvida um novo impulso.

A incapacidade dos sucessivos governos democratas-cristãos na sua resolução — incapacidade que aliás corresponde a uma bem definida opção de interesses de classe: o desemprego, que afecta particularmente a juventude; a inflação; o atraso das regiões meridionais; o terrorismo (de notar que o PDC controla há mais de 30 anos os serviços de segurança e nomeou mesmo, para altos cargos destes serviços, os neofascistas De Lorenzo e Miceli).

A crise governamental reflecte também uma outra questão central — a recusa sistemática do acesso dos comunistas ao poder, embora o PCI seja o segundo partido, contando com 30% dos votos (o PDC tem 38%). Política sistematicamente seguida, como uma vez mais se verificou, pela Democracia Cristã e que na verdade assenta na «doutrina de soberania limitada» expressamente defendida por Washington em relação aos seus aliados da NATO.

O governo de Cossiga, circunsrito a estes mesmos parâmetros, não trazendo nenhum novo elemento para a solução dos problemas do país, não passa de «mais um governo», a somar aos muitos governos produzidos pela Democracia Cristã. Sem futuro e sem perspectivas.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

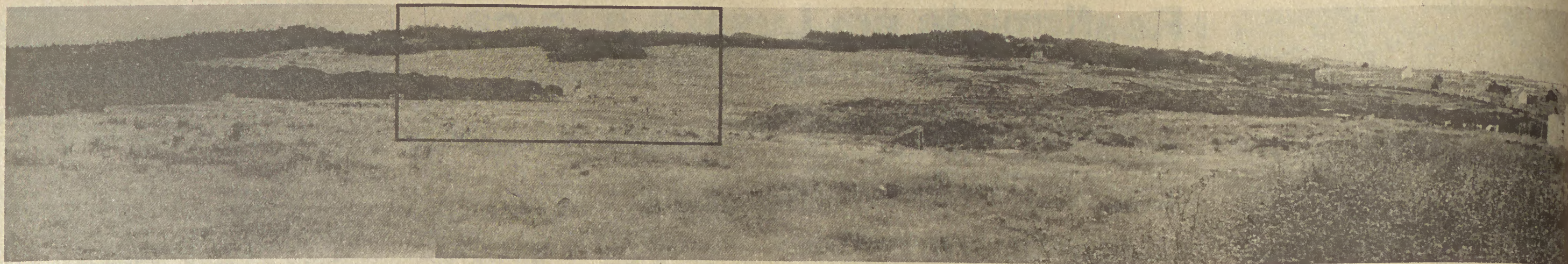
O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI em apoiar o governo de Cossiga, afirmando que a sua composição e objectivos primordiais não correspondem à gravidade da crise italiana nem às aspirações do país.

Na verdade, a crise de governo que se arrastou estes meses reflecte problemas mais fundos da sociedade italiana, que se materializam em problemas tornados crónicos

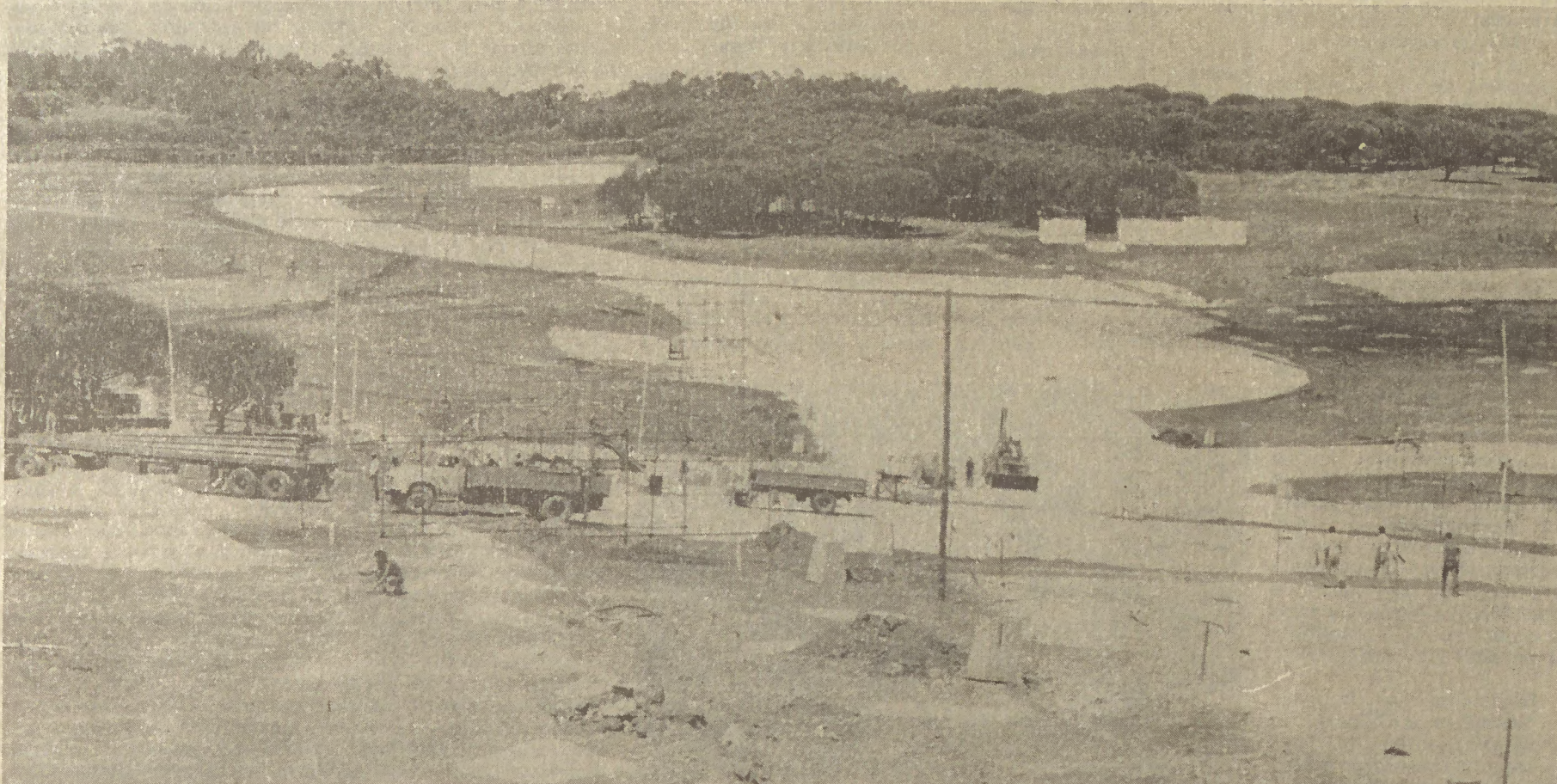
O último mês que precedeu a constituição do actual governo reflecte bem os sérios problemas políticos que vive a sociedade italiana. Nos primeiros dias de Julho, o então primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, desistiu de formar governo, na sequência da recusa do PSI em participar num gabinete de coligação com a Democracia Cristã. Seguiu-se-lhe o socialista Bettino Craxi, que falhou

também ao tentar o complexo equilíbrio de formação de um gabinete com democratas-cristãos e pequenos partidos, com o apoio, externo, dos comunistas. Já nos últimos dias de Julho o democrata-cristão Filippo Pandolfi, antigo ministro do Tesouro, renuncia a apresentar ao Parlamento o governo já constituído com democratas-cristãos, repubblicanos e social-democratas, devido à decisão do PSI de votar contra. Nos primeiros dias de Agosto, indigitado como primeiro-ministro o democrata-cristão Francesco Cossiga, ex-ministro do Interior do governo de Aldo Moro, o presidente Sandro Pertini ameaçou renunciar em caso de novo fracasso. Cossiga formou governo. A crise está superada?

O Partido Comunista Italiano afirma que não. «L'Unità», órgão central do Partido, explica, em editorial, as razões da recusa do PCI



O Alto da Ajuda já está assim!



Antes e depois. Ao princípio eram as pedras e a terra brava, as árvores crescendo onde as deixavam, tecendo clareiras que hoje estão semeadas de ferro e amanhã levarão as cores alegres e fraternas da Festa. Esta foto, que pode comparar-se com a de cima, dá já a ideia da transformação operada pelas mãos dos comunistas e dos seus amigos. Lá onde a natureza era sozinha a mandar, abrem-se os caminhos, erguem-se as estruturas de metal, abrem-se as valas para a água e para a energia passar, já passam carros pesados transportando o que ainda faz falta



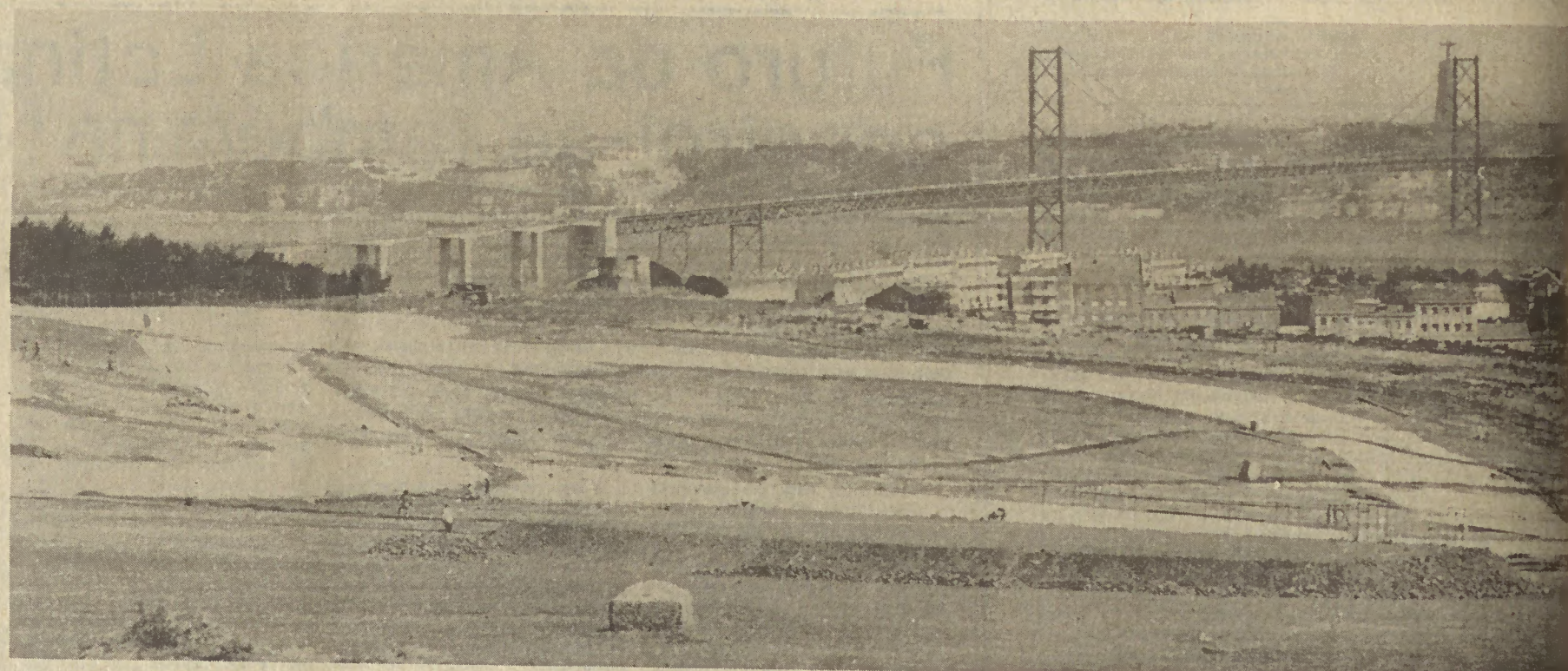
Ferramentaria, indica a inscrição. Ali, numa construção especialmente concebida e preparada para o efeito, podem os camaradas procurar a ferramenta certa para o trabalho certo, organizadamente. Dizendo não ao desperdício e à negligência, os trabalhadores encontram as soluções mais correctas para que os resultados do seu labor possam vir a ser um êxito.



Na carpintaria, chama-nos a atenção um dístico: «Camaradas, é proibido ligar as máquinas». Mas então para que servem as máquinas senão para trabalhar?, perguntámos. O esclarecimento veio de seguida. «E que nós prezamos a segurança no trabalho e as máquinas não são para ligar indiscriminadamente. Quando são necessárias, logo um camarada responsável procede à sua ligação»



No horizonte são os semáforos, indicação do quanto é perto a cidade e os caminhos que de lá vêm e que nos dias da Festa vão animar-se de milhares de pessoas a chegar a uma nova cidade, cheia da vida que agora se constrói. Em primeiro plano era o deserto que vai deixar de ser. Dá-se de beber a quem tem sede, que o trabalho é duro e o calor aperta



Dentro em pouco, sobre o aterro que se vê em primeiro plano, o Palco 1 encobrirá a vista que hoje se pode observar — a Ponte 25 de Abril que trará muitos visitantes, a Outra Banda, o traço longínquo do sul, além Tejo. No Palco 1, porém, também estarão, em Setembro, muitos amigos nossos, a lembrar-nos outras terras e outras gentes e outras lutas que também são nossas. Nas palavras e nos cantos de artistas de todo o mundo, a comunicação não se interrompe. Alarga-se e estende-se e enriquece



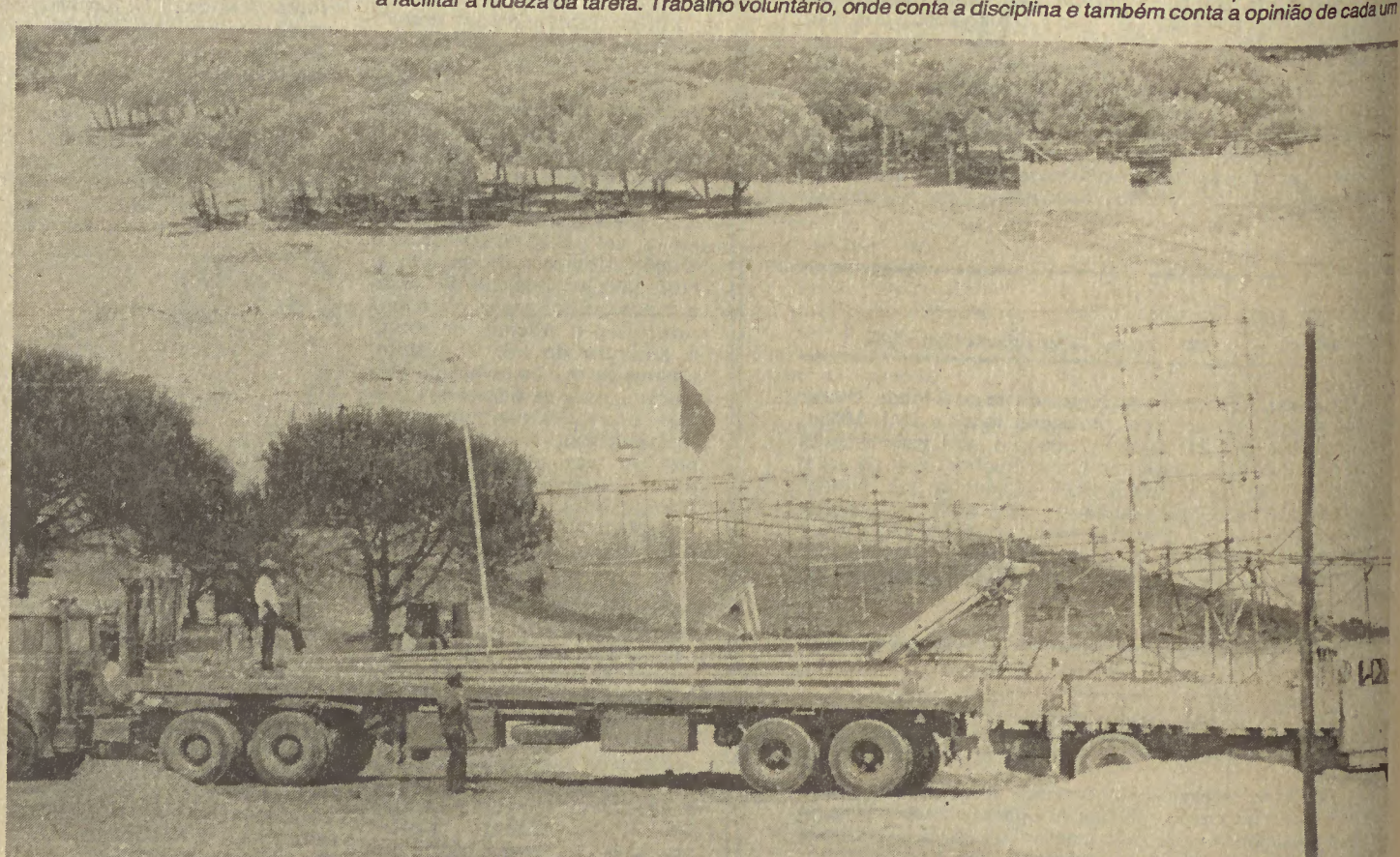
Aqui as camaradas encarregaram-se de trabalhos de electricidade. Noutros locais, outras tarefas são distribuídas. Em todas, as mulheres comunistas põem o seu zelo, a sua atenção precisa, e o bom humor e a alegria são o tom que rege os seus gestos confiantes. De todas as idades, porventura de várias profissões, une-as a tarefa de contribuir para uma grande realização



Cá fora, os homens dedicam-se a actividades mais pesadas, debaixo do sol a arder. Mãos que conhecem bem o jeito dos cabos das pás e das picaretas, mãos que pela primeira vez agarram tais ferramentas, partilhando o esforço para um objetivo comum. E não deixa de se ouvir um conselho de um mais experiente nestas lides, a facilitar a rudeza da tarefa. Trabalho voluntário, onde conta a disciplina e também conta a opinião de cada um



Na Ajuda não havia nada. Nem esgotos, nem água, nem cabos eléctricos sob a terra dura. Na Ajuda esperavam os que descrevem da vontade e da dedicação dos comunistas, que estes lá fossem «enterrar» a sua festa e as suas esperanças. Mas não são as dificuldades que metem medo aos que acreditam no trabalho e no futuro. Pelas mãos de muitos trabalhadores, abriram-se as valas para dar passagem a tudo o que fazia falta na Ajuda. E, ao mesmo tempo, ali se enterram os sonhos da reacção



Um camião de vários rodados chega com a sua carga de postes de betão. É preciso construir seguro e certo. Assim, os trabalhadores lançam mão das máquinas mais apropriadas e não é a tecnologia que lhes põe receio nos gestos. Eles estão habituados às grandes e às pequenas máquinas e não as temem porque as dirigem e porque sabem para servem. Hoje para uma grande festa que espelha o trabalho e a esperança da classe operária e dos democratas, amanhã para fazer um país novo e melhor